

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

**SER CASAL CRISTÃO HOJE
NA IGREJA E NO MUNDO**



Tema 2: SER CASAL

EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL - 2001

Índice

Apresentação 5

Prefácio 7



SER CASAL CRISTÃO HOJE NA IGREJA E NO MUNDO

- 1. A Proposta 8**
- 2. As Etapas de reflexão 9**
- 3. Apresentação do Tema de Estudo 9**
- 4. Três disposições de coração e de espírito para viver a nova orientação 10**

TEMA DE ESTUDO: REFLEXÃO SOBRE O CASAL

Primeiro capítulo: O Casal Humano, hoje

Primeira reunião 15

Segunda reunião 33

Segundo capítulo: O Casal, imagem de Deus Trinitário

Terceira reunião 41

Quarta reunião 53

Terceiro capítulo: Aprofundar o nosso sacramento do Matrimônio

Quinta reunião 63

Sexta reunião 75

Quarto capítulo: O Casal cristão para viver e fazer viver as Bem-Aventuranças

Sétima reunião 81

Oitava reunião 99

Bibliografia 107

Apresentação



Queridos casais e Conselheiros Espirituais

É com muita alegria que a Equipa Supra-regional faz chegar a vossas casas o tema de estudo para o próximo ano pastoral “Reflexão sobre o Casal”, que é o segundo de uma série de três que compõem o tema geral “Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo”.

Este tema, que constitui também a orientação prioritária do Movimento para os próximos anos, deverá ser olhado na perspectiva duma caminhada e está perfeitamente inserido no apelo do Papa João Paulo II, na sua Carta Apostólica “Novo Millennio Ineunte”.

Vencida a primeira etapa – Ser Pessoa -, onde é realçado o valor e a dignidade da pessoa humana, amada e desejada por Deus, amplia-se agora o nosso horizonte para focalizar o casal na profundidade do seu mistério.

Este tema será especialmente aliciante e específico para nós, casais das ENS, que fazemos parte de um Movimento que tem como carisma a espiritualidade conjugal, na vivência de uma mística própria, que busca em Deus não só a sua razão de ser mas também a sua realização plena.

“No teu amor por mim, vejo o amor de Deus que vem ao meu encontro, no meu amor por ti uno-me ao amor de Deus, que pede emprestado o meu coração para amar”


Henri Caffarel – *A Missão do Casal Cristão*

Como defender e anunciar a perpetuidade do amor no casal?

Como reforçar a fidelidade aos compromissos, às nossas promessas de amor?

Como ser feliz, incorporando no nosso “Ser Casal” as bem-aventuranças proclamadas por Jesus?

As respostas a estas questões poderemos encontrá-las nos capítulos deste tema, se nos dispusermos a empreender, como



casal e em equipa, mais este passo, na reflexão e no estudo, na compreensão e na vivência do nosso “Ser Casal”.

Por último, algumas indicações que poderão ser úteis:

- 1. A metodologia adoptada neste segundo tema é exactamente a mesma que se seguiu no tratamento do “Ser Pessoa”, de forma que já estaremos mais habilitados a seguir em frente, sem problemas e sem surpresas;*
- 2. As questões serão apresentadas como pistas, pelo que os Conselheiros Espirituais poderão ajudar muito os casais nas suas equipas, orientando-os nos objectivos a atingir em cada etapa das suas vidas;*
- 3. A bibliografia sugerida é apenas uma orientação, não fechando as portas a outras obras pertinentes que poderão ajudar o estudo dos vários assuntos abordados neste tema;*
- 4. Os casais das equipas que não quiserem adoptar este tema de estudo poderão consultar a lista dos temas disponíveis no Secretariado para fazer a sua escolha.*

Há muitas luzes que iluminam o projecto de Deus a respeito do amor humano entre um homem e uma mulher. Há sinais de alegria e imensas razões para ser mantida a nossa esperança.

Que Deus abençoe o amor conjugal de cada casal e que Nossa Senhora nos acompanhe no caminho ...

Com o nosso caloroso abraço.

Equipa Supra-Regional

Introdução

A nova orientação das Equipas de Nossa Senhora para o princípio do terceiro milénio é apresentada como uma série de questões sobre as grandes realidades do nosso tempo, questões que todos os membros das Equipas de Nossa Senhora são convidados a colocar a si próprios, hoje, como cristãos e como casais cristãos.

Como viver concretamente as Bem-Aventuranças e, portanto, como anunciar a presença actuante de Cristo na realidade actual?

Como viver concretamente os nossos compromissos de baptismo e de casamento no mundo de hoje?

Como propor e, sobretudo, como transmitir a todos aqueles que encontramos no nosso caminho, na Igreja e no mundo, tudo o que recebemos e que continuamos a receber de Deus através das Equipas de Nossa Senhora?

Mudai os vossos corações,
 Crede na Boa Nova!
 Mudai de vida,
 Crede que Deus vos ama!
 Eu não vim para condenar o mundo;
 Vim para que o mundo seja salvo

(Jo 3, 17)

Eu não vim para os sãos,
 Nem para os justos,
 Eu vim para os doentes e pecadores

(Mc 2, 17)

Eu sou a Porta, diz Jesus:
 Quem entrar por Mim será salvo

(Jo 10, 9)

Quem crê em Mim, terá a vida eterna.
 Crede nas minhas palavras e vivereis

(Jo 6, 47; 63)



Ser casal cristão hoje

Ser casal cristão hoje

Ser casal cristão hoje

na Igreja

e no mundo

na Igreja

Ser casal cristão hoje

e no mundo

na Igreja

e no mundo

1. A PROPOSTA

Apresentar aos casais das Equipas de Nossa Senhora do mundo inteiro um **itinerário de interrogação e de reflexão que conduza a uma conversão do coração**, para responder às necessidades da Igreja e do nosso mundo actual.

A base desta reflexão foi elaborada a partir de numerosas referências oferecidas pelo trabalho da ERI e de numerosos casais de diferentes partes do mundo. No entanto, é, antes de tudo, através de uma procura ao mesmo tempo pessoal e de casal, que esta reflexão poderá produzir em cada um frutos maduros de conversão, de comunhão e de compromisso. Queremos, por isso, convidar-vos a alimentar essa procura com a leitura assídua dos Evangelhos, com o estudo de artigos de fundo, com textos de conferências e com livros que tratem de temas actuais das ciências humanas, da sociologia à teologia.

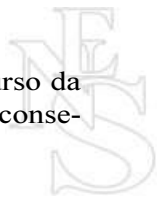
Seria importante que cada responsável das diferentes regiões do mundo apresentasse aos membros das suas equipas de base os dados correspondentes à realidade actual da vida dos seus respectivos países.

Não queremos propor-vos que entrem numa dinâmica de reflexão teórica, demasiado afastada das realidades vividas. Isso não comprometeria em nada de concreto. Os diferentes temas serão apresentados, portanto, **como um convite forte a uma interpelação pessoal, em casal e mesmo em equipa, tendo em vista uma mudança de vida.**

Uma interpelação, porque questionar é uma necessidade inata, inerente a todo o homem que procura conhecer e amar. É esta necessidade que o impele a sair de si mesmo e a avançar. Aquele que deixa de interrogar e de se interrogar, perde uma grande parte da sua capacidade de abertura e de discernimento. Perde a sua humanidade e pára no caminho do seu crescimento. Interrogar é também abrir-se à confiança, visto que se trata de receber uma resposta de outro ou de outros. É, de alguma maneira, deixar-se contaminar pela experiência de vida e pelo olhar daquele que é diferente de nós. Quando deixamos de nos interrogar, as nossas referências esbatem-se e os sinais dos tempos deixam de ser visíveis.

As questões verdadeiramente importantes não serão, necessariamente, aquelas que são propostas neste tema, mas aquelas que os equipistas,

com a ajuda do seu conselheiro espiritual, identificarem no decurso da sua reflexão. As melhores respostas não serão as perguntas que conseguirmos formular e apresentar corajosamente?



2. AS ETAPAS DE REFLEXÃO

Primeiro ano: *REFLEXÃO SOBRE A PESSOA HUMANA*

- A Pessoa Humana, hoje.
- A Pessoa Humana no projecto de Deus.
- Aprofundar os sacramentos do Baptismo e da Confirmação.
- Viver e fazer viver as Bem-Aventuranças.

Segundo ano: *REFLEXÃO SOBRE O CASAL*

- O Casal Humano, hoje.
- O Casal, imagem de Deus Trinitário.
- Aprofundar o nosso sacramento do Matrimónio.
- O Casal cristão para viver e fazer viver as Bem-Aventuranças.

Terceiro ano: *REFLEXÃO SOBRE A NOSSA MISSÃO NA IGREJA E NO MUNDO*

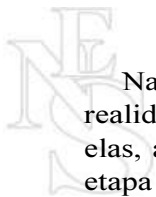
- Sempre prontos a dar razão da esperança ...
- Sinais e presença concreta do amor de Deus no mundo.
- Ministros do casal e da família.
- Chamados a curar.

3. APRESENTAÇÃO DO TEMA DE ESTUDO

Propõe-se o estudo de 4 capítulos por ano. Cada capítulo terá duas etapas (a cada etapa pode dedicar-se mais de uma reunião).

Primeira etapa: **TOMAR CONSCIÊNCIA DA REALIDADE**

Para suscitar uma reflexão lúcida e honesta sobre a realidade que nos rodeia actualmente, partiremos à descoberta dos sinais do nosso tempo. Será bom que nos interroguemos honestamente como essa realidade influencia a nossa maneira cristã de agir, hoje.



Na reunião de equipa, formularemos as questões mais apropriadas à realidade tal como ela é vivida por cada um. Escolheremos então, entre elas, as que serão preparadas por cada casal, para serem debatidas na etapa seguinte.

Segunda etapa: **REFLECTIR PARA MUDAR E COMPROMETER-SE**

A partir das questões seleccionadas na primeira etapa, sobre as quais reflectimos, poremos em comum as pistas para uma mudança de vida e os compromissos concretos que queremos adoptar.

Parece evidente que entrar generosamente nesta orientação pressuporá valorizar o ponto concreto de esforço *“Escuta da Palavra”*. Só através de um encontro pessoal, assíduo e amoroso com a pessoa do Cristo do Evangelho que é “Caminho, Verdade e Vida”, poderemos descobrir as respostas às nossas perguntas e, sobretudo, ter a força para nos tornarmos mais coerentes com a nossa reflexão.

O conselheiro espiritual poderá desempenhar plenamente a sua missão aqui, ajudando os equipistas a descobrirem as passagens do Evangelho mais apropriadas às suas vidas concretas de hoje e trazendo-lhes uma interpretação correcta dos textos. Seria muito interessante que ele aproveitasse esta oportunidade para fazer descobrir e explicar a doutrina actual da Igreja sobre os assuntos abordados.

4. TRÊS DISPOSICÕES DE CORAÇÃO E DE ESPÍRITO (1) PARA VIVER A NOVA ORIENTAÇÃO

Para responder com generosidade a este apelo à reflexão e ao compromisso, somos convidados a ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor.

VER MELHOR

O nosso mundo evoluiu mais nos últimos cinquenta anos do que em toda a história da humanidade. Esta evolução continua a acelerar-se, ainda hoje, na maior parte das áreas relativas ao homem e à sociedade.

(1) Estas três disposições vão ao encontro das três atitudes da nossa pedagogia: Procura da verdade, abertura ao projecto de Deus, para cada um de nós e para o casal, e disponibilidade de encontro, de diálogo e de comunhão com os outros.

No desequilíbrio complexo e permanente, causado pela desagregação das ideologias e das instituições, e também pelo “*universo económico*” actual, inúmeras pessoas encontram-se sem luz e sem guia. As pessoas acreditaram na satisfação das necessidades do coração humano com lazer, dinheiro e uma vida fácil, mas este é um caminho que não conduz à felicidade. Os nossos contemporâneos estão à procura também de novos valores vitais e de novas razões de esperança. Desconfiam dos discursos e das doutrinas. Contestam que as instituições (inclusive as Igrejas) tenham o papel de oferecer um sentido para a vida. Escutam com mais atenção os testemunhos de vida do que as palavras dos mestres.

Hoje, as pessoas são seduzidas, sobretudo, **pelo testemunho concreto e pelo compromisso** daqueles que descobriram novos valores. Os homens clamam por sinais e, no entanto, Deus não cessa de colocar nas suas mãos os sinais da Sua presença.

Assim, convidamo-vos a reconhecer esses sinais, não apenas observando passivamente todas as mudanças actuais com uma visão crítica e até receosa, mas dando tempo para que tudo isso passe pelo coração, para descobrir e tomar consciência de que, ainda hoje, os cegos recuperam a vista, os coxos voltam a andar, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova continua a ser anunciada aos pobres.

Há, ainda hoje, uma quantidade de valores que se desenvolvem e se revelam evangélicos onde não suspeitávamos.

OUVIR MELHOR

Podemos sentir-nos inquietos com a tendência actual de certos cristãos a fecharem-se na sua pequena comunidade, apenas preocupados com o seu estado de espírito e com seu equilíbrio afectivo. O essencial não é, em primeiro lugar, “*levar a Boa Nova às nações*”, como nos pede Cristo?

Temos, pois, de sair, de nos “*fazermos ao largo*”, de alcançar a outra margem, para ouvirmos os apelos que são cada vez mais numerosos. Estes apelos são os de uma sociedade que perdeu a confiança nela mesma e que procura novos pontos de referência. Ouvir os apelos cada vez mais insistentes dos responsáveis da Igreja a um compromisso criativo e adulto dos leigos que têm sido testemunhas privilegiadas de uma caminhada de amor, de fé e de esperança.

Não nos podemos esquivar, “*passar ao lado*” e continuar surdos a esses apelos. Não basta olhar, é preciso “*ouvir*” para acolher a todos, é

NE
preciso “ouvir” para estar disponível em qualquer acontecimento. Como nos recordavam, em Fátima, a Cidinha e Igar, anterior casal responsável da ERI: *“Hoje, somos chamados a ser “**sinais**” num mundo privado de amor. Somos chamados a uma missão em comunhão com a Igreja. Somos chamados a desempenhar um papel na pastoral da Igreja para o casal e para a família.”*

PARTILHAR MELHOR

Muitos responsáveis da Igreja reconhecem, hoje, que as Equipas de Nossa Senhora têm sido um dom para a Igreja e para o nosso tempo. É chegada a hora de **partilharmos esse dom numa forma muito mais concreta** do que temos feito até aqui. Devemos ter consciência de que, durante mais de cinquenta anos, temos sido cristãos privilegiados num fim de século difícil.

Ora, tudo o que temos recebido não é para ser guardado para nós, é para **dar aos outros**. Somos, por isso, convidados a estar sempre prontos a prestar-lhes contas da esperança que está em nós.

Quem são, hoje, os que questionam os cristãos sobre o seu projecto de vida? Já nos apercebemos verdadeiramente de que, no campo da pastoral do casal e da família, somos chamados a assumir um ministério concreto? Como assumi-lo, em espírito de grande abertura e em comunhão com a Igreja e com outros Movimentos diferentes do nosso?

*Ser casal cristão hoje
na Igreja
e no mundo*

TEMA DE ESTUDO

*Reflexão sobre
o casal*

Segundo ano

- * O Casal Humano, hoje*
- * O Casal, imagem de Deus Trinitário*
- * Aprofundar o nosso sacramento do Matrimónio*
- * O Casal cristão para viver e fazer viver as Bem-Aventuranças*

“Tomar consciência da realidade”

De que casal estamos a falar? O que significa a palavra “*casal*”? A ambiguidade é grande, hoje, entre ... “*aqueles que coabitam*”, “*parceiros*”, “*companheiros*”...

Este é o tema do primeiro capítulo. A noção de “*casal*” que defendemos nem sempre é aquela que mais se destaca no mundo em que vivemos.

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

(Não esqueçamos que será a reflexão que vamos fazer sobre a realidade que nos rodeia e os sinais do nosso tempo que nos permitirá formular as perguntas que nos parecerem mais apropriadas à realidade vivida por cada um de nós e que mais nos poderão ajudar a descobrir como essa realidade influencia o nosso agir de casal cristão. Será a partir dessas perguntas, que a equipa escolher durante a reunião, que reflectiremos durante o mês seguinte, individualmente e em casal, e que servirão de base ao debate da reunião de equipa do mês seguinte.)

1. TOMAR CONSCIÊNCIA PARA NOS APOIARMOS SOBRE A REALIDADE DE HOJE

O quadro geral do ambiente em que vivemos foi delineado no primeiro capítulo do tema do primeiro ano: “*Reflexão sobre a pessoa humana*”. Seria interessante reler esse capítulo ...

No que concerne especificamente à situação do casal, acrescentaremos as seguintes constatações:

Os anos do após-guerra 40-45 marcaram o apogeu dos casamentos, com um claro rejuvenescimento dos cônjuges. Os próprios jovens desejavam casar-se e existiam, cada vez menos, casamentos “*arranjados*” pelos pais. Geralmente, só o marido trabalhava e as famílias contavam com grande número de filhos (baby-boom). A instituição do casamento era respeitada pelo clero e pelos leigos. O casal devia responder a um grande número de exigências do ponto de vista afectivo, sexual e espiritual. Uma exigência tão forte de sinceridade trazia em si a tendência de fragilizar o casal.



Nos anos 70, em plena sociedade de consumo e de movimentos de independência de numerosos países, a tendência inverte-se rapidamente. Constatamos uma baixa contínua do número de casamentos, seguida da recusa, cada vez mais frequente, do compromisso pelos laços conjugais.

A contraceção desenvolve-se com grande rapidez e, paralelamente, o número de filhos diminui nos países industrializados. O laço entre o acto sexual e a procriação vai-se tornando cada vez mais fraco.

Em muitos casos os dois cônjuges trabalham. A mulher adquire assim mais liberdade, graças à sua independência financeira. Deparamo-nos, então, com um crescimento do individualismo no seio do casal. Uma ligação exterior é, muitas vezes, considerada como fazendo parte do direito de desenvolvimento pessoal.

Um filho é desejado mais para que o casal crie raízes, para que os cônjuges sejam fiéis um ao outro, do que para constituir uma família. A frequência crescente de separações e de divórcios começa a minar a responsabilidade dos pais. As famílias monoparentais ou reconstituídas, nas quais a filiação não é explícita, tornam os filhos mais frágeis e, quando atingem a idade do compromisso numa vida a dois, ficam hesitantes, pois só têm uma imagem efémera da vida de casal. Em muitos casos, os casais formam-se, separam-se e recompõem-se num ritmo cada vez mais acentuado. As crianças são vítimas do sistema e devem adaptar-se, voluntária ou involuntariamente, às situações criadas pelos adultos, que colocam o interesse pessoal à frente do interesse da família. Esta evolução atinge também os lares cristãos. Esta crise é acompanhada de uma certa dessacralização da instituição do casamento e de uma relativização da fidelidade.

Esta é uma análise da situação actual, principalmente nos países ocidentais. A civilização da comunicação em que vivemos difunde com uma rapidez sem precedentes os valores, mas também os defeitos da sociedade ocidental. Outros modelos de sociedade, muitas vezes ancorados numa longa tradição secular, continuam a condicionar o nascimento e a vida do casal.

Estamos a referir-nos:

- aos países tradicionais onde a família se estende até aos primos, tios e tias;
- aos casamentos arranjados pelos pais desde a mais tenra idade, em que a jovem é um objecto de transacção “*comercial*” entre as famílias;

- ao papel desempenhado pela nora na família do cônjuge;
- à condição de dependência total da mulher no seio do casal;
- à poligamia ⁽¹⁾ de certas tradições africanas;
- à possibilidade de repúdio inscrita em certas leis, autorizando o marido a rejeitar a mulher;
- às civilizações em que a excisão (amputação do clitóris) continua a ser praticada e institucionalizada.

A maneira de considerar o casal, no Ocidente, é, portanto, diferente das concepções tradicionais dessas civilizações. A condição subalterna e totalmente dependente da mulher, reduzida frequentemente a “*mulher objecto*”, representa um obstáculo real ao diálogo entre comunidades.

Como podemos definir, hoje, o casal humano?

Dar uma definição universal da noção de “*casal*” é impossível. Nos nossos dias, o casal constituído por um homem e por uma mulher que querem viver um projecto duradouro de vida em comum, fundado sobre o amor, a fecundidade no sentido amplo ⁽²⁾ e a fidelidade, é criticado. Para a nossa sociedade contemporânea, o termo “*casal*” tende a aplicar-se, de maneira confusa, a toda a associação de dois seres, sem distinção de sexo nem de idade, que tenha, de uma forma bem geral, um projecto comum. O desenvolvimento da pessoa e, mais frequentemente, o desenvolvimento sexual estão no centro de tudo.

Neste capítulo falaremos do casal humano, comunidade formada por um homem e uma mulher ⁽³⁾.

O professor filósofo e psicólogo Pierre-Phillippe Druet escreve no seu livro “*D’amour parlons ensemble*” (De amor, falemos juntos) ⁽⁴⁾:

“É surpreendente constatar que a questão do futuro do casal tornou-se primordial no espírito dos jovens, em relação a todas as questões “técnicas” que eles poderiam colocar a si próprios. Essa questão testemunha, ao mesmo tempo, uma esperança e uma an-

⁽¹⁾ “*Mas os ocidentais não vivem com frequência monogâmias sucessivas?*” – observa um africano que tinha sido interrogado sobre a tradição poligâmica do seu país.

⁽²⁾ Entendemos “*fecundidade no sentido amplo*”, a fecundidade na procriação, mas também a fecundidade espiritual.

⁽³⁾ A dimensão cristã do casal será abordada nos capítulos seguintes.

⁽⁴⁾ Pierre – Philippe Druet “*Falamos juntos de amor*”.

gústia. A esperança assenta numa revitalização possível do casal e sobre um grupo de valores, entre os quais a fidelidade tem um carácter essencial. O medo assenta evidentemente num certo número de elementos negativos indubitáveis. Nenhum adolescente pode ignorar a elevada taxa de divórcios, em muitos países, tanto no velho continente europeu, como nas outras partes do mundo”.

E Pierre-Phillippe Druet acrescenta um pouco mais adiante: *“entre os motivos que fazem com que nos preocupemos com o futuro do casal, encontra-se frequentemente a ideia de que a vida de casal representa uma espécie de prisão.”*

A crise do casal não é fenómeno exclusivo da actualidade. A diminuição do número de casamentos religiosos não é acompanhada por um aumento do número de casamentos civis ⁽⁵⁾. A crise é geral e necessita de uma análise mais ampla do que aquela que poderíamos fazer, através da nossa fé, no nosso ambiente cristão.

*“A nossa época sabe-o melhor do que qualquer outra, e nós sempre ouvimos dizer que, hoje, o casal está em crise. Estatisticamente, parece haver mais infelicidade do que felicidade dos parceiros. Casais que se destroem e cada um parte para seu lado, remoendo a sua amargura e os seus desgostos. Casais que não têm mais do que a aparência de casal - as pessoas ficam juntas por causa dos filhos, por convenção social, pelo hábito ou por interesse, mas o amor está morto: **“Como me incomoda esse estranho que vive ao meu lado!”** Casais para quem a fidelidade não é mais do que um ódio partilhado: o inferno é o outro e tudo o que ele faz! Casais hesitantes que permanecem no limiar de uma promessa de felicidade que provoca medo: **“Podemos apostar no futuro e comprometermo-nos com uma pessoa que pode transformar-se num(a) desconhecido(a)?”** Casais instáveis que se juntam e se separam, conforme os arroubos do coração e os apelos da sexualidade; mas as intermitências do coração têm, às vezes, o gosto amargo de uma solidão que não esperávamos. Casais magoados pela doença e pela morte de um dos cônjuges, alimentando-se o amor viúvo de recordações e de lágrimas. Casais ideais, sonhados por aqueles ou aquelas que não escolheram o celibato e sofrem por não terem encontrado a alma gémea (ou pior: casais sonhados e que a realidade desmentiu cruelmente)” ⁽⁶⁾*

⁽⁵⁾ É preciso lembrar que existem países onde o casamento religioso tem o mesmo valor que o casamento civil.

⁽⁶⁾ Christine e Michel Barlow *“casal caminha para Deus”*

Monsenhor Jullien procura a origem da crise do matrimónio na crise da fidelidade:

“A crise do matrimónio e a crise religiosa dos nossos dias têm a mesma raiz. É a crise da fidelidade. As pessoas não se casam, mas divorciam-se porque já não têm confiança no outro nem em si mesmos. Não acreditam suficientemente no outro, nem em si mesmos para se darem para sempre. É uma crise de aliança, crise do matrimónio e crise da fé ao mesmo tempo. Quando já não acreditam em Deus, é difícil acreditarem no outro de maneira duradoura, e mesmo em si próprios, como homem ou mulher.” (7)

Do lado da Luz

- As mulheres adquiriram uma maior consciência do seu valor, não somente na sociedade, mas também no casal e na família. O trabalho da esposa fora de casa, cada vez mais comum, a partilha equilibrada das tarefas domésticas, das responsabilidades na organização da vida familiar e na educação dos filhos e a realização de um projecto de casal valorizam a esposa e favorecem a igualdade entre o homem e a mulher. A sociedade adapta-se à nova realidade: possibilidade de trabalho a meio tempo, licença de paternidade, interrupção da carreira, flexibilidade dos horários, possibilidade do teletrabalho, qualidade e preço dos serviços, utilização dos tempos livres, etc...
- As exigências dos jovens, relativamente ao casamento, estão a crescer. O compromisso, apesar de ser assumido mais dificilmente, quando o querem duradouro, tende a ser mais profundo. Os jovens casam-se cada vez mais tarde, após terem adquirido uma maior maturidade, preparando-se melhor para o seu compromisso.
- Apesar da crise actual, nota-se um crescente interesse pelos problemas do casal, havendo uma revalorização do papel e da instituição do matrimónio.
- Existência de centros e outros organismos de preparação para o casamento. Em alguns países, fazem grande sucesso as sessões e os retiros de preparação para o casamento.
- Criação, na Inglaterra, da “*Semana Nacional do Matrimónio*”, para chamar a atenção do público sobre a importância do casamento.

(7) Monsenhor Jullien, Bispo francês. Jornal “*La croix*”

- As mulheres, devido ao acesso ao mundo do trabalho, adquiriram uma maior consciência do seu valor e da liberdade na escolha do cônjuge (pelo menos, em certas culturas).
- Criação de movimentos, de organizações e de comunidades novas centradas no casal e na família, tendo como objectivo a formação.
- O aumento da esperança de vida permite a muitos casais, que chegam à idade da reforma com boa saúde, terem novos centros de interesse (cultural, desportivo, de serviço e outros) e poderem dar espaço às iniciativas do cônjuge.
- Criação de uma espiritualidade conjugal.
- Criação de estruturas de acolhimento, de ajuda e de terapia conjugal e familiar para os problemas do casal e da família.
- Desenvolvimento da capacidade dos leigos para formarem a sua consciência e agirem como adultos, em vez de seguirem, cegamente e sem compreenderem, as regras morais que lhes são impostas.
- Tendência actual da procura de meios de terapia conjugal, em vez do recurso à separação e ao divórcio.
- Tomada de consciência, pela Igreja e seu magistério, da importância do casal e da família na construção do mundo de amanhã.
- Tomada de consciência, pela Igreja institucional, dos novos carismas emergentes entre os leigos, como manifestação da presença activa do Espírito Santo e como possibilidade de novos apostolados no nosso mundo.

Do lado da Sombra

- Número crescente de divórcios solicitados pela mulher que, agora mais independente, graças à sua actividade profissional, se encontra menos fragilizada.
- Impostos desfavoráveis para os casados desencorajam o matrimónio.
- O prolongamento do tempo de vida traz problemas novos para o casal e para a fidelidade.
- Confundidos por uma quantidade enorme de solicitações veiculadas pelos meios de comunicação social, os cônjuges sentem-se impelidos à satisfação imediata dos seus desejos, sendo cada vez menos fiéis a um compromisso duradouro. Tudo isto tende a criar relações instáveis no seio do casal. Muitos costumam dizer: *“Pre-tender restringir o amor a um compromisso duradouro seria a*

mesma coisa que matá-lo.” Começa-se, então, a considerar o provisorio como um valor e não a fidelidade.

- As famílias monoparentais são cada vez mais aceites pela sociedade, o que minimiza o interesse pelo casamento e facilita o recurso ao divórcio.
- Perante tantos divórcios e separações, em todos os níveis sociais, os jovens hesitam em comprometer-se no casamento. Esta tendência confirma-se pelo número cada vez maior de jovens que coabitam, quase sempre sem um projecto de matrimónio futuro.

2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

Algumas questões são-nos propostas para orientar a nossa reflexão. Para não nos dispersarmos muito, escolhamos aquelas que são para nós as mais actuais e as mais importantes.

De seguida redijamos aquelas que se colocam, hoje, à nossa própria consciência e que mais nos interpelam na nossa vida conjugal, familiar, social e profissional.

- Qual é nossa atitude perante a situação do casal na sociedade actual?
- Como reagir em relação aos que coabitam? Aos casamentos de experiência? Aos casamentos progressivos ou por etapas? E quando se trata dos nossos parentes, dos nossos filhos?
- As noções de perenidade, de duração e de fidelidade no casal já não são unânimes, mesmo nos meios ditos cristãos. Que pensamos disso? Que argumentos apresentar a favor dessas noções que fazem parte dos nossos princípios de base, das qualidades fundamentais que animam a nossa vida de casal? Como dar testemunho àqueles que nos interrogam?
- Entre o casal que vive uma fusão capaz de anular a personalidade dos cônjuges e o casal em que cada um goza de completa liberdade (individualista e egoísta) encontra-se o caminho certo. É um caminho feito de renúncia, de gratuidade, de complementaridade. Como descobrir e seguir esse caminho?
- Que papel podemos desempenhar, ou desempenhamos, no ambiente em que vivemos, para formar as consciências, para educar para o amor, para responder à espera muitas vezes angustiante dos jovens, tendo em conta a sociedade culturalmente descristianizada dos nossos dias?



- A sexualidade e a genitalidade confundem-se cada vez mais. Os meios de comunicação social participam activamente para que essa confusão continue. De tabu que era, a sexualidade tornou-se uma coisa comum. Que fazer para reverter a situação, para reencontrar os verdadeiros valores da sexualidade? Que fazer para a humanidade reconhecer o que faz a diferença, mas também a complementaridade do homem e da mulher no plano de Deus?
- A qualidade da escuta entre o casal é primordial. Como melhorar essa escuta com o nosso cônjuge? Como ajudar, a partir da nossa experiência, outros casais, sejam eles ou não casais das Equipas de Nossa Senhora?

As nossas perguntas pessoais

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

“Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele adormeceu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher e apresentou-a ao homem. Então o homem exclamou: «Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!».

Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe e une-se à sua mulher, e os dois tornam-se uma só carne.”

Génesis 2, 21-24

4. QUE DIZ A IGREJA SOBRE SITUAÇÃO DO CASAL HUMANO, HOJE?

Convidamo-vos a reler o que João Paulo II diz sobre o casal e o casamento na “Familiaris Consortio” e mais particularmente as suas palavras encorajadoras sobre o progresso no caminho da santidade na e pela vida do casal. Sob o título: “A situação da família no mundo de hoje”⁽⁸⁾, encontramos nesse documento o seguinte extracto:

“A situação em que se encontra a família apresenta aspectos positivos e negativos: sinal, naqueles, da salvação de Cristo operante no mundo; sinal, nestes, da recusa que o homem faz ao amor de Deus.

Por um lado, de facto, existe a consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimónio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos; há, além disso, a consciência da necessidade de que se desenvolvam relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, para a redescoberta da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa. Por outro lado, contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada

⁽⁸⁾“Familiaris Consortio” parágrafo 6-1981

concepção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva.

Na raiz desses fenómenos negativos está muitas vezes uma corrupção da ideia e da experiência de liberdade, concebida não como capacidade de realizar a verdade do projecto de Deus sobre o matrimónio e a família, mas como força autónoma de afirmação, não raramente contra os outros, para o próprio bem-estar individual.

Merece também a nossa atenção o facto de, nos países do Terceiro Mundo, faltarem muitas vezes às famílias quer os meios fundamentais para a sobrevivência, como o alimento, o trabalho, a habitação, os medicamentos, quer as mais elementares liberdades. Nos países mais ricos, pelo contrário, o bem-estar excessivo e a mentalidade consumista, paradoxalmente unida a uma certa angústia e incerteza sobre o futuro, roubam aos esposos a generosidade e a coragem de suscitarem novas vidas humanas: assim a vida é, muitas vezes, entendida não como uma bênção, mas como um perigo de que é preciso defender-se.

A situação histórica em que vive a família apresenta-se, portanto, como um conjunto de luzes e sombras. Isto revela que a história não é necessariamente uma evolução para melhor, mas antes um acontecimento de liberdade, um combate entre liberdades que se opõem entre si; isto é, segundo a conhecida expressão de Santo Agostinho, um conflito entre dois amores: o amor de Deus levado até ao desprezo de si mesmo e o amor de si levado até ao desprezo de Deus⁽⁹⁾. Só a educação para o amor, radicada na fé, pode levar a adquirir a capacidade de interpretar “os sinais dos tempos”, que são a expressão histórica deste duplo amor.”

“Homem e mulher Ele os criou”

O Catecismo da Igreja Católica começa por esta citação no parágrafo consagrado ao homem criado por Deus (n.º 355):

«Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus. Ele o criou homem e mulher. O homem ocupa um lugar

(9) Santo Agostinho “*De Ciuitate Dei*” XIV, 28

único na Criação: é a imagem de Deus; na sua própria natureza une o mundo espiritual e o mundo material; foi criado “homem e mulher”; Deus estabeleceu-o na sua amizade.»

Lembra, ainda, a igualdade do homem e da mulher no seio do casal (n.º 369):

«O homem e a mulher foram criados, quer dizer, foram queridos por Deus: em perfeita igualdade enquanto pessoas humanas, por um lado; mas, por outro, no seu respectivo ser de homem e de mulher. “Ser homem”, “ser mulher” é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher têm uma dignidade que não pode perder-se e que lhes vem imediatamente de Deus, seu Criador. O homem e a mulher são, com uma mesma dignidade, à imagem de Deus. No seu ser homem e ser mulher reflectem a sabedoria e a bondade do Criador.»

No n.º 372 do mesmo catecismo, podemos ler:

«O homem e a mulher são feitos “um para o outro”: não é que Deus os tenha feito “a meias” e “incompletos”; criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser “ajuda” para o outro, uma vez que são, ao mesmo tempo, iguais enquanto pessoas “osso dos meus ossos” e complementares enquanto masculino e feminino. No matrimónio, Deus une-os de modo que, formando “uma só carne” (Gn 2, 24), possam transmitir a vida humana: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a Terra” (Gn 1, 28). Ao transmitirem aos seus descendentes a vida humana, o homem e a mulher, como esposos e pais, cooperam de uma forma única na obra do Criador.»

O AMOR, UMA ESTRADA

O amor não se compra. Constrói-se.
 Não é um vestido ou um fato prontos para usar,
 Mas uma peça de tecido que precisamos de cortar, montar e costurar.
 Não é um apartamento, entregue, de chaves na mão,
 Mas uma casa a ser planeada, construída, sustentada e, às vezes, reparada.
 Não é uma montanha vencida,
 Mas a partida desde o vale, com subidas apaixonantes, quedas perigosas
 No frio da noite ou no calor do sol brilhante.
 Não é um pouso seguro no porto da felicidade,
 Mas o levantar da âncora e viajar no alto mar, na bonança ou na tempestade.
 Não é um “*sim*” triunfante, enorme ponto final que se escreve em música,
 Entre sorrisos e aplausos,
 Mas uma imensidão de “*sins*” que pautam a vida,
 Entre uma multidão de “*nãos*” que apagamos caminhando.
 Assim, ser FIEL não é:
 Desorientar-se, não lutar, não cair;
 É levantar-se de novo e sempre caminhar.
 É querer prosseguir até ao fim
 O projecto preparado a dois e livremente assumido.
 É ter confiança no outro, apesar das sombras da noite.
 É sustentar-se mutuamente nas quedas e no sofrimento.
 É ter fé no amor todo-poderoso, para além do amor.

Michel Quoist

A MINHA FELICIDADE

É AUMENTAR A FELICIDADE DOS OUTROS

André Gide

Proposta para um dever de se sentar

- Que fazemos para respeitar as nossas diferenças? Que complementaridades descobrimos entre nós? (num primeiro momento, poderíamos tentar definir o nosso pensamento anotando por escrito, cada um em separado, aquilo que nos diferencia. Num segundo momento, poderíamos juntos encontrar as complementaridades que existem nessas diferenças).
- Que lugar reservamos ao crescimento do nosso cônjuge?
- Que espaço ocupa a nossa vida profissional na nossa vida de casal? E no nosso projecto de casal? E na nossa família? O que fazemos para que a comunicação continue a existir? Que evolução pode sentir na qualidade do nosso diálogo conjugal? Que ajustamentos devemos fazer na nossa vida para manter o equilíbrio da nossa relação?
- Que imagem de casal desejaria passar para os nossos filhos? Talvez, depois de reflectirmos sobre isso, pudéssemos conversar com eles para descobrir qual é a imagem que recebem (isso seria uma oportunidade para um dever de se sentar familiar e de uma conversa frutuosa sobre o casal e o casamento).
- Como nos comportamos em público, como casal? Que fazemos de concreto para sermos casais felizes que os outros gostariam de imitar?

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Poderíamos escolher uma regra de vida que ajudasse a encontrar o justo equilíbrio entre a nossa vida profissional e a nossa vida de casal.
- Ou, então, poderíamos, diariamente, pensar num gesto especial para com o nosso cônjuge, o que o levaria à satisfação de ser reconhecido(a) naquilo que é (diferente e complementar) e naquilo que faz.

C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO

1. Sempre bem conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomo-vos que dêem a volta por todos para que cada um, por sua vez, possa expor (sem



ser interrompido!) o que quiser sobre a situação do casal humano no mundo de hoje. Nesse momento, cada um poderá fazer as suas próprias perguntas e evocar, igualmente, as suas experiências de vida e alguns dos problemas que tem de enfrentar, hoje.

2. De seguida, a equipa fará uma escolha limitada das questões e dos problemas mencionados por cada membro da equipa. Essas questões e esses problemas serão aprofundados durante o mês e discutidos na próxima reunião.

Perguntas e problemas para discussão na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês seguinte e partilhar na próxima reunião.)

Oração dos casais



Senhor Jesus,

Tu amaste a Igreja, Tua esposa, com um amor perfeito,

Tu deste a Tua vida de Filho de Deus

para que ela fosse santa e irrepreensível, sob o Teu olhar, no Amor.

Pela intercessão da Virgem Maria, Tua Mãe e nossa Mãe,

refúgio dos pecadores e rainha dos lares,

com José, seu casto esposo e Teu pai adoptivo,

nós Te pedimos que abençoes as famílias cristãs.

Renova para elas, sem cessar, a fonte de bênçãos do sacramento do Matrimónio.

Concede que os maridos sejam, como São José, humildes e fiéis protectores das
suas esposas e dos seus filhos.

Concede, através de Maria, às esposas, uma inesgotável fonte
de ternura e de tesouros de paciência.

Concede aos filhos que se deixem guiar pelos seus pais no Amor,
como Tu, Jesus, que foste submisso aos Teus em Nazaré
e obedeceste em tudo a Teu Pai.

Une, sempre mais, em Ti, os casais,

como Tu e a Igreja sois unidos

no Amor do Pai e na comunhão do Espírito Santo.



Nós Te pedimos também, Senhor,
pelos casais divididos, separados ou divorciados,
pelos filhos que sofrem e pelos filhos revoltados.
Concede-lhes a tua Paz, com Maria, nós Te suplicamos!

Torna fecunda a sua cruz,
ajuda-os a viver em união com a Tua Paixão, a Tua morte e a Tua ressurreição.

Consola-os nas dificuldades.

Cura todas as feridas dos seus corações.

Dá-lhes a coragem de perdoar profundamente,
em Teu nome,

ao cônjuge que os ofendeu e que eles também ofenderam.

Encaminha-os à reconciliação.

Torna-Te presente em todos pelo Teu Amor
e aos que receberam o sacramento do matrimónio
concede a graça de se empenharem na fidelidade, para a salvação do casal.

Senhor, Pai bem-amado,
tão rico de misericórdia,
pelos laços do teu Espírito
reúne em Jesus e Maria todos os casais,
os que são felizes e os que sofrem,
para que um dia possamos todos tomar parte,
juntos, na tua alegria eterna.

Ámen

Comunhão de Nossa Senhora da Aliança ⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾A Comunhão de Nossa Senhora da Aliança foi fundada em França, em 1983, por Anne-Marie Le Marquer e Paul Salaun

Para a próxima reunião



“Reflectir para transformar-se e comprometer-se”

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **segunda reunião**.
- Preparar as questões escolhidas na conclusão da primeira reunião, que serão lembradas pelo casal animador.
- A preparação do tema pode ser uma oportunidade para um dever de se sentar sobre o nosso casal e sobre o nosso “*sim*” conjugal, a partir da proposta que nos é feita.
- O parágrafo **B** “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, permitir-nos-á caminhar individualmente e em casal entre as duas reuniões, conduzindo-nos a uma mudança de atitudes e a romper a nossa rotina, em suma, a crescer.

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. UMA BREVE LEMBRANÇA

De acordo com a dinâmica própria deste tema, vamos, nesta segunda etapa, esforçar-nos por descobrir juntos, em equipa, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, na nossa maneira de ser e de “parecer”** para que a vida comum do homem e da mulher possa reencontrar toda a sua riqueza, todo o seu valor, segundo a vontade do Criador.

Para evitar uma troca de ideias muito teórica e favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre *“O casal humano, hoje”* tínhamos proposto, na reunião anterior, escolher algumas questões e alguns problemas que nos tocassem particularmente (ver o parágrafo **C** da primeira reunião). Preparemos esta reunião tendo em conta o que acabamos de recordar. A riqueza da troca de ideias dependerá em grande parte da busca pessoal e em casal, como também da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos receio de *“mergulhar”* no Evangelho, para aí procurar as passagens que possam esclarecer a nossa reflexão.

Por ocasião da primeira reunião, tentámos analisar a situação do casal no mundo de hoje. Tomámos, de alguma maneira, o pulso da situação do homem e da mulher no quadro de uma *“vida a dois”*. *“Homem e mulher Ele os criou”*, à sua imagem, mas diferentes e complementares. Fizemos questão de ver o lado sombrio que a vida de casal atravessa, mas também o lado luminoso, isto é, as coisas boas que permitem que tenhamos esperança e alegria.

***“Eu caso-me contigo para sempre;
Casamos conforme a justiça e o direito,
Com amor e carinho.
Caso-me contigo com toda a fidelidade
e então conhecerás o Senhor.”***



2. ALGUMAS PISTAS QUE PODERÃO AJUDAR NA NOSSA REFLEXÃO

“Vamos ver se isto dá certo!” ⁽¹⁾

“A coabitação é precedida de um período de intimidade crescente, até ao dia em que ela se torna efectiva. Estamos sempre juntos, as saídas são cada vez mais constantes, depois os contactos tornam-se mais frequentes e, lentamente, a assiduidade reforça-se e acabamos por ter uma vida comum. Nada separa um “antes” de um “depois” nessa progressão contínua. Qualquer um dos dois é livre para ir embora a qualquer momento e essa eventualidade traz, até, um sentimento de segurança paradoxal, pois é a possibilidade da paragem que encoraja o movimento, e a ruptura é que garante a perseverança! E com este regime, onde o desejo governa, onde o medo preserva a reviravolta, a escolha do cônjuge não precisa ser tão cuidadosa como quando sabemos que toda a nossa vida será afectada por esse sentimento que está a começar em nós.”

Em caso de decepção, é assim tão fácil acabar com esta experiência negativa sob o pretexto de que não assinamos nenhum papel? Não é possível evitar a dor, nem mesmo as complicações administrativas, se tivermos, imprudentemente, comprado juntos alguma coisa importante, por exemplo, uma casa ou um apartamento. A ideia da separação faz com que, por vezes, os que se apercebem que os seus sentimentos se desfazem, hesitem; não querem terminar, apesar de se aperceberem que a sua prudência não evitará a ruptura de uma separação. Tantas coisas vividas juntos, tantos projectos, tantas esperanças! Por vezes, numa atitude desesperada, casam-se, esperando que a cerimónia reavive os sentimentos vacilantes. São os que reduzem este rito a uma formalidade supérflua que esperam dele, agora, um poder mágico que, evidentemente, não tem. E ainda temos que dar graças, se não confiam essa missão a um filho que concebem para tentar remediar a situação! O minúsculo “mediador”, é claro, fracassa, e esse “incapaz” recebe a punição de nascer num lar dividido. Tudo volta a ser como antes e, um ou dois anos depois, divorciam-se. Daí, a grande quantidade de separações que acontecem poucos anos após o casamento, neste fim de século.

Pensemos uma vez mais nesta frase-chave: “Vamos ver se isto dá certo”. “Vamos”, quem? “Nós”, ou “ele e eu” (percebemos aqui dois sujeitos)? Esquivam-se, não sem motivo: não existe “nós”. Não existe

⁽¹⁾ France Quéré, “O amor em casal”

uma ligação entre ele e eu: seria uma exceção, se os dois quisessem separar-se no mesmo dia. Um quer continuar, o outro quer acabar. O poder, é lógico, pertence ao mais forte, não ao mais persuasivo, mas àquele que ama menos. Este, se quiser ir embora, vai. O outro não poderá continuar, mesmo que queira. A sua dor, os seus desejos perdem a importância na consciência do infiel. Este acha que esse amor duradouro é uma coisa sem sentido, enquanto que a sua ausência de amor se reveste de grande importância, pois ela representa uma mudança de vida... E como não são protegidos pelas leis, que negligenciaram, aquele que parte não tem necessidade de fornecer indemnização, nem justificação. Parte, e é tudo. Assim faziam os romanos. Era o repúdio. É o presente da “liberdade”.

France Quééré

E a fidelidade? (²)

“O sentido corrente que o mundo de hoje dá à palavra fidelidade limita-se, sem dúvida, à fidelidade sexual. Contudo, quero alargar efetivamente o seu sentido a toda a realidade conjugal.”

Avalia-se a fidelidade de um casal pelo modo como os esposos se comportam um para com o outro, pelo seu amor. Mas qual é a nossa concepção de amor humano? Para mim, como psiquiatra, o modelo de amor humano é aquele que existe entre os pais e os filhos. É a primeira relação íntima de amor na nossa vida; o amor entre esposos vem em segundo lugar. O amor fiel dos pais pelos filhos traduz-se pela educação, pelo apoio moral, pelo encorajamento no seu crescimento ...

Deus manifesta o seu amor pelos homens, dando-lhes a vida e o seu apoio com toda a solicitude. Os pais criam uma vida nova nos seus filhos e dão-lhes alimento e educação. Nesta solicitude e educação podemos ver o reflexo do amor fiel de Deus ao seu povo e dos esposos um ao outro. Vejamos agora quais são os componentes deste amor que é suporte mútuo.

Começamos pela necessidade que a criança tem de pais disponíveis. O bebé precisa de uma atenção constante. É levado ao colo, acarinhado, alimentado; precisa de alguém que mude a sua fralda e converse com ele. Encontramos esta disponibilidade dos pais em relação aos seus filhos na segunda relação íntima – a do casamento. Os casais precisam

(²) Extratos da conferência de Jack Dominionian, preferida em Santiago de Compostela, em Setembro de 2000.

de ter um tempo só para eles, para se sentarem juntos e porem em comum todo o seu ser. Precisam não só de disponibilidade física, mas também de disponibilidade afectiva.

O segundo factor de suporte é a comunicação que começa na infância, sem palavras, e desenvolve-se mais tarde com a palavra. É, assim, também na segunda relação íntima. A comunicação é indispensável ao amor conjugal, apresentando-se sob duas formas: uma verbal e outra não verbal (olhares, sorrisos ...).

O terceiro factor é a demonstração de afecto. Uma criança sente-se reconhecida, desejada, estimada, por outras palavras, sente-se amada, quando é abraçada e acarinhada. O mesmo se passa no casamento; sentimo-nos amados quando, entre esposos, trocamos sinais e gestos de afecto. Alguns casais procuram-me e a mulher diz-me: “Agora ele já não diz que me ama ...” O marido parece perplexo e diz: “Há vinte anos, eu disse que te amava. Por que queres ouvir de novo? Se mudar de opinião, eu digo-te!”

Em quarto lugar, para uma criança, a estima de si mesma aumenta quando é felicitada pelos seus pais e educadores pelo que fez. É também uma excelente maneira para os esposos expressarem a fidelidade, um ao outro, louvando-se mutuamente.

Enfim, há a resolução dos conflitos. As crianças discutem e brigam com os seus pais. Durante algum tempo, estes zangam-se com o filho, mas depressa se reconciliam, as diferenças são resolvidas e o amor é restaurado. O mesmo se passa também com o casal. A resolução dos conflitos está na base da fidelidade autêntica do casal. Não há verdadeira intimidade sem algumas discussões. A discussão é o reverso da medalha da intimidade. É preciso que olhemos cada discussão, não como um trampolim para ganhar uma batalha, não como uma luta pelo poder, mas como uma crise, de modo a compreender até que ponto se ofendeu aquele a que se ama, a fim de evitar repetir esse erro no futuro.”

Jack Dominionian

*Então Almira falou novamente e disse:
E que nos dizes do matrimónio, mestre?*

E ele respondeu, dizendo:

“Vós nascestes juntos, e juntos permanecereis para todo o sempre.

*Juntos estareis quando as brancas asas da morte
dissiparem os vossos dias.*

Sim, juntos estareis até na memória silenciosa de Deus.

*Mas que haja espaço na vossa união
E que os ventos do céu dançam entre vós.
Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão:
Que haja antes um mar ondulante entre as praias das vossas almas.
Enchei a taça um do outro, mas não bebais da mesma.
Dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.
Cantai e dançai juntos, sede alegres,
mas deixai cada um de vós estar sozinho,
Como as cordas da lira que são separadas e, no entanto,
vibram na mesma harmonia.
Dai os vossos corações, mas não os confieis à guarda um do outro,
Pois somente a mão da vida pode conter os vossos corações.
E vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia,
Pois as colunas do templo erguem-se separadamente,
E o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.⁽³⁾*

Khalil Gibran

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

No terceiro dia, houve um casamento na Galileia e a Mãe de Jesus estava presente. Jesus também tinha sido convidado para esse casamento com os seus discípulos.

Faltou o vinho e a Mãe de Jesus disse-lhe: “Eles já não têm vinho!” Jesus respondeu: “Mulher, que existe entre nós? A minha hora ainda não chegou.” A Mãe de Jesus disse aos criados: “Fazei o que Ele mandar”

Havia ali seis talhas de pedra de uns cem litros cada uma, que serviam para os ritos de purificação dos Judeus. Jesus disse aos criados: “Enchei de água essas talhas”. Eles encheram as talhas até cima”. Depois Jesus disse: “Agora tirai e levai ao chefe de mesa”.

Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam sabiam, pois foram eles que tiraram a água.

Então, o chefe de mesa chamou o noivo e disse: “Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidamos estão bêbados, servem o pior. Tu, porém, guardaste o vinho bom até agora”.

Gênesis 2, 21-24

⁽³⁾ Khalil Gibran (1883-1931) “O Profeta”

ESTE MURO ENTRE NÓS (²)

*Ele foi-se elevando, pedra por pedra, sem que nos apercebêssemos ...
ou, talvez, não.*

Ele existia.

*Era o muro de nossas duas pessoas, tendo, como pano de fundo,
a nossa infância, vastos terrenos incultos
onde nos refugiamos ainda hoje, de boa vontade.*

*Com as muralhas levantadas pela educação severa, dos dois lados,
feita de rectidão e de soberanas proibições
e a rigidez da nossa juventude solitária.*

*Diante desse muro, cada um de nós construiu a sua fachada:
esse aspecto que mostramos,
de ser o homem ou a mulher que nos imaginamos.*

*Temos representado, desde o começo, uma estranha comédia, vivendo,
cada um, voltado para dentro, prisioneiro de si próprio.*

*Vamos continuar a construir esse muro, até que nos tornemos,
um para o outro, dois estranhos?*

*Ou seremos capazes de abrir as brechas, para que ele desmorone e se
abra enfim, diante de nós, a planície fértil e luminosa dos nossos seres
nunca mais mascarados? ...*

O BEIJO (³)

*Digam o que disserem, amor é dom e acolhimento. O beijo, por sua vez,
é um bellissimo símbolo de amor; é sinal, ao mesmo tempo, de dom e de
acolhimento. Um beijo não será realmente dado, se não for acolhido. Lábios
de mármore, de estátua, não acolhem um beijo; é preciso que sejam lábios
vivos. Ora, lábios vivos são lábios que acolhem e dão, ao mesmo tempo.*

*O beijo é um gesto admirável, e é precisamente por essa razão que não
devemos prostituí-lo, brincar com ele, mas, sim, reservá-lo como um sinal
de alguma coisa extremamente profunda (e isso é o centro de tudo o que a
Igreja pensa em matéria de moral sexual).*

*O beijo é uma partilha de intimidade de tal forma que eu estou em ti e tu
em mim.*

François Varillon

(¹) "O casal, textos não bíblicos" Colectânea.

(³) François Varillon "Alegria de crer, alegria de viver".

Proposta para um dever de se sentar

- Existem ainda entre nós algumas “pedras” que turvam as águas transparentes do nosso diálogo em casal?
- Sempre respeitando o jardim secreto do outro, poderíamos tentar, com a ajuda de Deus, confiar ao nosso cônjuge uma parte da nossa pessoa que sempre escondemos no fundo de nós mesmos.

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a regra de vida do mês anterior e fazer um balanço do nosso progresso.
- O Senhor fala-nos pelo companheiro(a) que pôs no meu caminho. Devem Encontrar um meio concreto para escutar efectivamente o cônjuge.

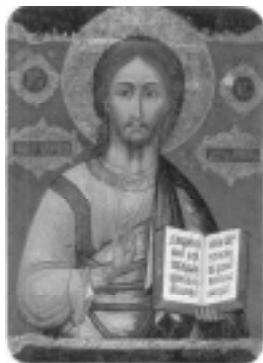
C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER

1. Na primeira reunião de nossa reflexão sobre “*O casal humano, hoje*”, combinámos que aprofundaríamos algumas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor, com os outros casais da equipa, a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa vida.
2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto de nossa procura. Estejamos atentos para sermos verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

**CERTAS MONTANHAS SÓ PODEM SER ESCALADAS,
SE NOS AJUDARMOS UNS AOS OUTROS**

D. Perrot

*Sê bendito, Deus nosso Pai,
 Por todos os séculos dos séculos.
 Foste Tu que nos criaste,
 Homem e mulher,
 Para que um seja apoio do outro,
 Para que os nossos filhos
 Nasçam do nosso amor
 E para que a nossa união seja reflexo
 Da união do Teu Filho com a Igreja.
 Nós dois, em casal,
 E segundo o ensinamento de Jesus,
 Pedimos-Te o nosso pão de cada dia,
 Alimento para o corpo,
 E graça para a alma,
 Para nós dois, nossos filhos
 E os filhos de nossos filhos.
 Conserva-nos
 E a eles no teu amor.
 Tem piedade das nossas faltas
 E das nossas insuficiências.
 Inspira-nos o mesmo perdão
 Para com os outros.
 Concede-nos a Tua piedade,
 Protege o nosso amor
 E conduz-nos juntos
 À nossa velhice.*



Oração Conjugal
 de um casal das Equipas de Nossa Senhora

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20____

Em casa de _____

“Tomar consciência da realidade”

“Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus, Ele o criou. Homem e mulher Ele os criou” (Gn 1, 27).

Cada um, individualmente, mas também em conjunto, homem e mulher, são imagem do Deus único.

A Bíblia ensina-nos que *“o homem deixará pai e mãe ... e os dois serão uma só carne. Assim, pelo matrimônio, eles já não serão dois, mas uma só carne”*. (Mt 19, 5-6).

Frequentemente, a família é comparada à Trindade. Para uns, a mulher representa o Espírito Santo, ao qual a tradição atribui doçura e amor, enquanto o homem representa o Verbo, a Força e a Sabedoria de Deus. Para outros, o casal fecundo é a imagem da fecundidade Trinitária: a criança é, então, a imagem do Espírito Santo que procede do Pai e do Filho.

Não será também possível uma abordagem Trinitária, não da família, mas do casal, à luz da Tradição e do ensinamento recente dos papas Paulo VI e João Paulo II?

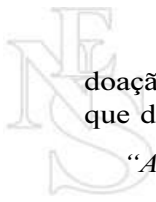
Ao longo deste capítulo, propomo-nos descobrir como o esposo e a esposa, criados homem e mulher, são a imagem de Deus. Como são chamados a viver uma comunhão de amor e a reflectir assim, no mundo, as três pessoas da Trindade, que se amam no mistério íntimo da única vida divina?

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. TOMAR CONCIÊNCIA PARA NOS APOIARMOS SOBRE A REALIDADE DE HOJE

a) Deus faz aliança

A comunhão de pessoas constitui a base da comunidade conjugal e familiar; o que chamamos *“uma só carne”* dos esposos, fruto da sua



doação recíproca, constitui o nascimento da aliança conjugal. Ela é a lei que dará forma à comunidade familiar, como escreveu João Paulo II:

“A família é, com efeito, uma comunidade de pessoas para as quais a verdadeira razão de existir é a de viverem juntos a comunhão.” (1)

A família é a célula primordial da sociedade, expressão primeira e fundamental da natureza social do homem, nascida do casal, do compromisso e do dom recíproco do homem e da mulher. Pensada e querida por Deus desde toda a eternidade, a família, nascida da comunhão conjugal, é qualificada pelo concílio Vaticano II como a aliança *“na qual o homem e a mulher se dão e se recebem mutuamente.”* (2)

Esta questão reaparece recentemente no discurso da Igreja - a aliança querida por Deus entre o homem e a mulher à imagem da Aliança que Ele vive com o seu povo - apesar de não ser nova.

No Génesis, Deus vai ao encontro do homem para levar um remédio para a sua solidão. Para ser feliz no Paraíso, faltava a Adão uma pessoa semelhante a ele. Segundo a bela imagem bíblica, Eva foi criada da costela de Adão que, assim, encontrou resposta para o mais profundo desejo do seu coração. Adão experimentou um sentimento maravilhoso de plenitude, uma vez que as outras criaturas não estavam à altura dos seus desejos. Isso faz parte do mistério de amor presente na própria criação: *“E Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou.”* (Gn 1, 27). Eis o comentário que não aparece com a mesma insistência nos outros dias da criação e que é, depois da criação do casal, como uma aprovação entusiástica e uma satisfação de Deus perante o que conseguira criar, como um artista que se encanta com a sua obra: *“Deus viu tudo o que tinha feito: e tudo era muito bom”* (Gn 1, 31).

O homem e a mulher, criados como pessoas humanas, chamados a viver essa comunhão de amor, reflectem aquilo que uniu Deus nas três pessoas da Trindade. Se os Padres da Igreja gostavam de apresentar o Espírito Santo, de uma maneira poética, como um beijo de amor que une o Pai e o Filho, não podemos dar o mesmo significado ao amor do homem e da mulher, seres semelhantes a Deus e a seu Filho e diferentes por sua própria natureza? Essa evocação de Guillaume de Saint

(1) João Paulo II, Carta às Famílias, n.º 7.

(2) *“Gaudium et Spes”*, n.º 48.

Thierry ⁽³⁾, numa exposição sobre o Cântico dos Cânticos, não poderá aplicar-se a Deus e ao casal? ⁽⁴⁾

“Chamamos-lhes marido e esposa e a própria língua procura palavras para expressar tanto a doçura como a suavidade dessa união, que não é mais do que a unidade do Pai e do Filho, e seus beijos, seus abraços, sua bondade e tudo o que, nesta unidade infinitamente simples, é comum aos dois. Tudo isto é o Espírito Santo, Deus, Caridade, ao mesmo tempo doador e dom.” O Espírito Santo é derramado no coração de cada homem e de cada mulher, no baptismo e na confirmação: *“O amor de Deus foi espalhado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”* (Rm 5, 5).

Ele modela perfeitamente todo o amor humano. Modela também - e de uma maneira muito singular - o amor dos esposos: enriquece neles tudo o que é humanamente digno e belo, o que leva ao dom de si mesmo, à comunhão autêntica das pessoas, no mistério Trinitário.

“Amemos, e isso é tudo. É o segredo da felicidade, da única felicidade de que vale a pena experimentar. Amemos à imagem de Deus, amor que se revela na perfeita comunhão de aliança entre o Pai, o Filho e o Espírito de Amor. Amemos, e isso é tudo.” ⁽⁵⁾

Tendo sempre em mente o limite da analogia que fazemos entre o homem e Deus, podemos comparar o laço de amor que liga os esposos - graça obtida no sacramento do matrimónio - com o Espírito de amor que une o Pai e o Filho na Trindade.

Pelo casamento, o homem e a mulher tornam-se, juntos, imagem e semelhança do Deus Trinitário. O sacramento do seu amor mútuo enche-os de graças e chama-os a viverem uma comunhão de amor. Quanto mais os esposos se unem num dom total, mais eles reflectem a vida de amor da Trindade. E, dando-se um ao outro no amor, revelam, um ao outro, o amor de Deus.

Há uma certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e no amor! É desse amor maravilhoso que Deus quer encher os esposos.

⁽³⁾ Guillaume de Saint Thierry, escritor da Idade Média.

⁽⁴⁾ Neste contexto, podemos assinalar igualmente o tratado sobre a Trindade, de Richard de Saint Victor que se debruça sobre a analogia da Trindade e do casal.

⁽⁵⁾ Bruno e Tereza R.: afirmação feita durante o seu casamento.

Na sua comunhão de amor, vivida segundo a vontade de Deus, os esposos reflectem a face do Pai e do Filho e participam na comunhão do Pai e do Filho no Espírito Santo.

A bênção nupcial no rito do matrimónio dá-nos o pleno sentido do que vivem os esposos: *“Pai santo, Tu criaste o homem e a mulher para que eles formassem juntos a Tua imagem na unidade da carne e do coração, e cumprissem, assim, a sua missão no mundo.”* (6) Eles recebem de Deus a plenitude e a abundância do amor do Pai, a confiança e o sim do Filho, a força e o calor do amor do Espírito Santo. Constituir um casal não é adicionar duas pessoas, uma à outra. O casal é uma nova realidade, uma composição que depende das duas pessoas que vão selar a aliança. Em casal, cada um é transformado pela personalidade do outro.

Devemos reflectir sobre esta nova realidade criada pelo sacramento do matrimónio: tu, eu e o nosso amor. Isto deve levar-nos à consciência da nossa realidade trinitária (7). Esta realidade trinitária do casal e, portanto, o amor que une os cônjuges transfigura o quotidiano. Os esposos constroem o seu amor ao longo da vida. Esse amor, fruto de um passado, vive o presente e a realidade do momento e tem um futuro, duradouro, um futuro de fidelidade. Do mesmo modo, o amor que une os esposos torna-se uma realidade autónoma que pode ser testemunho e orientação do presente:

“Tu achas que discutir e ficar amuado(a), como muitas vezes acontece, é digno do nosso amor? A nossa conduta perante um acontecimento ou uma pergunta dos nossos filhos está de acordo com o projecto de amor que queremos construir? Não achas que devemos perdoarmo-nos se queremos ser fiéis ao amor que nos une? ...”

Santo Agostinho escreveu: *“As pessoas divinas são três: a primeira, o Pai, que ama o que nasce d’ Ele; a segunda, o Filho, que ama a pessoa da qual nasceu; a terceira, o Espírito, que é o próprio amor.”* (8) Esta frase de Santo Agostinho não poderá aplicar-se ao que, por vezes, vivem os esposos? Se Deus Pai e Filho são só amor, não pode existir entre eles egoísmo, pois este é negação do amor.

(6) Bênção Nupcial, n.º 1 do Ritual do Casamento.

(7) É uma oportunidade para estabelecer os limites da analogia entre a Trindade e o casal. A Trindade comporta três pessoas iguais. No casal, o amor não tem a consistência de uma pessoa.

(8) *De Trinitate*, VI 5,7.

Assim, esta parábola do Amor de Deus Trinitário (tu, eu, o nosso amor) prepara os homens para que compreendam a Trindade de Deus. Um amor humano, vivido plenamente e em profundidade, permite que nos aproximemos desse mistério, um Deus único em três pessoas.

b) Ponto de vista da vida cristã

Podemos dizer que tornar-se casal, tornar-se comunhão de vida e de amor, numa profunda união que expressamos como *“uma só carne”*, constitui um dom de Deus, a realização da obra criadora. A vida de casal, enraizada no matrimónio não é um obstáculo, nem uma obrigação que impeçam o homem e a mulher de se realizarem como pessoas. Na sua comunhão livre e responsável, o homem e a mulher vão encontrar a felicidade como um bem querido por Deus, porque o amor apoia-se nas qualidades do outro. Se acreditamos que Deus nos criou bons, aperceber-nos-emos da vontade de Deus sobre o homem, através da nossa vida em casal e do amor que nos une. *“... e tudo era muito bom”*. Crer na bondade do homem, crer no amor do casal, é ter confiança na Palavra de Deus.

O casal desejado por Deus é aquele que crê no invisível. Como Saint-Exupéry disse, através da raposa do *“Príncipezinho”*: *“O essencial não é invisível aos olhos?”*.

O casal é um bem querido por Deus, pois propõe-nos descobrir a verdade da natureza do amor: o amor santo e verdadeiro, cuja única fonte está em Deus. Mais do que o empenho que pomos no trabalho que fazemos, o que Ele deseja é a obra que realizará em nós por meio do nosso consentimento na fé. Deus não nos oferece tudo feito, compete-nos fazer crescer esse amor verdadeiro para que se torne um amor santo e eterno.

2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

Algumas questões são-nos propostas para orientar a nossa reflexão. Para que não haja dispersão, escolhamos aquelas que são para nós as mais actuais e as mais importantes.

De seguida, redijamos as questões pessoais que se colocam, hoje, à nossa própria consciência e que mais nos interpelam na nossa vida conjugal, familiar, social e profissional.

- Deus criou o homem e a mulher à sua imagem *“... e viu que tudo era muito bom”*.

Sendo assim, como pode Deus permitir que existam na terra tantos sofrimentos, tantas rupturas de amor, tantas separações? Como pode Ele permitir a morte de um dos esposos? São essas as questões que vamos colocar. Como reagimos a estas situações? Como cristãos, qual é a nossa atitude e quais são as respostas que damos a estas questões?

- A aliança do homem e da mulher no sacramento do matrimônio é feita à imagem da aliança de Cristo com a Sua Igreja. Na nossa vida concreta, que analogias podemos fazer com essa Aliança, que reforçam, confirmam ou desmentem essa afirmação?
- Do ponto de vista da fé cristã, Deus cria o homem por pura generosidade.

Como temos consciência de que somos criados por amor e não como meio para atingir um fim? Como temos consciência de que o casal, homem e a mulher, é chamado a descobrir o sentido e a orientação da sua vida? E como é que isso marca a nossa existência?

- Quais são as questões mais pertinentes que se colocam, hoje, à nossa consciência e que mais nos interpelam na nossa vida de cristão, relativamente à Igreja e aos seus ensinamentos?
- Temos outras questões que nos falam particularmente ao coração, concernentes ao casal cristão, imagem do Deus Trinitário?

As nossas perguntas pessoais

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

“Se me amais, obedecereis nos Meus mandamentos. Então Eu pedirei ao pai e Ele dar-vos-á outro Advogado, para que permaneça convosco para sempre. Ele é o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não O vê, nem O conheceu. Vós conhecei-l’O, porque Ele mora convosco e estará convosco.

Não vos deixarei orfãos, mas voltarei para vós. Mais um pouco e o mundo não Me verá, mas vós ver-Me-eis, porque Eu vivo e também vós vivereis. Nesse dia, conhecereis que Eu estou em Meu Pai, vós em Mim e Eu em vós. Quem acata os Meus mandamentos e lhes obedece, esse é que Me ama. E quem Me ama, será amado por Meu Pai. Eu também O amarei e manifestar-Me-ei a ele.”

Jo 14,16-21

4. QUE DIZ A IGREJA SOBRE O CASAL, IMAGEM DE DEUS TRINITÁRIO?

Vamos reler a passagem do **Catecismo da Igreja Católica** sobre o Génesis e a Criação e sobre o matrimónio na ordem da criação. Isso permitir-nos-á descobrir o lugar do casal no pensamento criador de Deus.

O homem no Paraíso (N.º 374-384)

O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a Criação que o rodeava; amizade e harmonia tais que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo.

A Igreja, interpretando de maneira autêntica o simbolismo da linguagem bíblica à luz do Novo Testamento e da Tradição, ensina que os nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram constituídos num estado *“de santidade e de justiça original”*. Esta graça da santidade original era uma *“participação na vida divina”*.

Todas as dimensões da vida do homem eram fortalecidas pela irradiação desta graça. Enquanto permanecesse na intimidade divina, o homem não devia nem morrer, nem sofrer. A harmonia interior da pessoa humana, a harmonia entre o homem e a mulher, enfim, a harmonia

entre o primeiro casal e toda a Criação, constituía o estado dito “*de justiça original*”.

O “*domínio*” do mundo, que Deus tinha concedido ao homem desde o início, realizava-se, antes de mais, no próprio homem como domínio de si. O homem era integrado e ordenado em todo o seu ser, porque livre da tríplice concupiscência, que o submete aos prazeres dos sentidos, à ambição dos bens terrenos e à afirmação do orgulho contra os imperativos da razão.

Sinal da familiaridade com Deus é o facto de Deus o colocar no jardim. Ali vive “*para o cultivar e guardar*” (Gn 2, 15): o trabalho não é um castigo, mas a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da Criação visível.

Toda esta harmonia da justiça original, prevista para o homem pelo desígnio de Deus, será perdida pelo pecado dos nossos primeiros pais.

Resumindo:

“Formastes o homem à vossa imagem e lhe confiastes o Universo para que, servindo-Vos unicamente a Vós, seu Criador, exercesse domínio sobre todas as criaturas”.

O homem foi predestinado para reproduzir a imagem do Filho de Deus feito homem - “*imagem do Deus invisível*” (Cl 1, 15) - para que Cristo seja o primogénito de uma multidão de irmãos e irmãs.

O homem é “*corpore et anima unus*” (unidade de corpo e de alma). A doutrina da fé afirma que a alma espiritual e imortal foi criada directamente por Deus.

Deus não criou o homem solitário: desde a origem, “criou-os homem e mulher” (Gn 1, 27). A sociedade dos dois realiza a primeira forma de comunhão de pessoas.

A revelação dá-nos a conhecer o estado de santidade e de justiça originais do homem e da mulher, antes do pecado: da amizade deles com Deus derivava a felicidade da sua existência no Paraíso.

O matrimónio na ordem da criação (N.º 1603-1605)

“A íntima comunhão da vida e do amor conjugal foi fundada pelo Criador e dotada de leis próprias. O próprio Deus é o autor do matrimónio. A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram das mãos do Criador. O matrimónio não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu no curso dos séculos, nas diferentes culturas,

estruturas sociais e atitudes espirituais. Tais diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Ainda que a dignidade desta instituição não transpareça em toda a parte com a mesma clareza, existe contudo, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial porque o bem-estar da pessoa e da sociedade está estreitamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar.”

Deus, que criou o homem por amor, também o chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano. Porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus que é Amor, tendo-os Deus criado homem e mulher, o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor absoluto e indefectível com que Deus ama o homem. É bom, muito bom, aos olhos do Criador, este amor, que Deus abençoa e que é destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum de preservação da Criação: *“Deus abençoou-os e disse-lhes: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”* (Gn 1, 28).

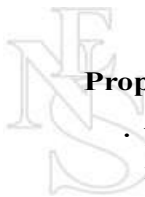
Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, a Sagrada Escritura o afirma: *“Não é bom que o homem esteja só”*. A mulher, *“carne da sua carne”*, isto é, sua imagem, sua igual, próxima dele, é-lhe dada por Deus como uma *“ajuda”*, representando assim aquele *“Deus em quem está a nossa ajuda”*. *“Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe para se ligar a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”* (Gn 2, 18-25). Que isto significa uma unidade indefectível das duas vidas, o próprio Senhor o mostra, ao lembrar qual foi, *“na origem”*, o desígnio do Criador: *“Portanto, já não são dois, mas uma só carne”* (Mt 19, 6).

B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

Numerosos textos mostram-nos no casamento cristão uma imagem da união de Cristo e da Igreja. Vale a pena, então, abandonar a visão grandiosa sobre a qual se abre o matrimónio cristão feito à imagem da Trindade? Reflectamos sobre a diferença e a similitude que implicam esses dois tipos de relação.

Convidamo-vos a reler e a estudar a conferência que foi apresentada por Xavier Lacrois no Encontro Internacional de Santiago de Compostela (°).

(°) *“O nó de três fios”*.



Proposta para um dever de se sentar

- No nosso dever de se sentar, experimentemos olhar a nossa vida no passado, no presente e no futuro, à imagem de Deus.
- Examinemos em que a nossa vida de casal e de família se aproxima ou afasta das três pessoas da Trindade.

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a nossa regra de vida do mês passado e fazer um balanço sobre o progresso conseguido.
- Escolhamos uma regra de vida à luz da ideia de que somos um casal, imagem de Deus Trinitário.
- Poderemos, ainda, pensar num gesto de atenção especial que faça crescer o amor que nos une como casal.

C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO

1. Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomo-vos que dêem a volta por todos para que cada um, por sua vez, possa expor (sem ser interrompido!) o que pensa sobre o casal, imagem de Deus Trinitário. Neste momento, cada um poderá colocar as suas questões pessoais, redigidas no momento da preparação da reunião, assim como evocar, igualmente, as suas experiências de vida e alguns dos problemas que tem de enfrentar, hoje.
2. De seguida, a equipa fará uma escolha limitada das questões e dos problemas mencionados por cada membro da equipa. Essa questões e esses problemas serão aprofundados durante o mês e discutidos na próxima reunião.

Perguntas e problemas que serão discutidos na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês seguinte e partilhar na próxima reunião.)

D - ORAÇÃO PARA O FIM DA REUNIÃO

De “Escuta, Senhor, minha prece”



“Luz das luzes”

Liturgia oriental

Luz é o Pai! Luz de Luz é o Filho!

Luz é o Espírito Santo, fogo nos nossos corações!

Trindade Santa, nós Te adoramos!



Amor é o Pai! Graça é o Filho!
Comunhão é o Espírito Santo!
Trindade Santa, nós Te adoramos!

Fonte é o Pai! Dom é o Filho!
Efusão é o Espírito Santo!
Trindade Santa, nós Te adoramos!

Poder é o Pai! Sabedoria é o Filho!
Bondade é o Espírito Santo!
Trindade Santa, nós Te adoramos!

Pensamento é o Pai! Palavra é o Filho!
Sussurro é o Espírito Santo!
Trindade Santa, nós Te adoramos!

Jean Pierre Dubois-Dumée

Para a próxima reunião

“Reflectir para transformar-se e comprometer-se”

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **segunda reunião**.
- Preparar as questões escolhidas na conclusão da primeira reunião, que serão lembradas pelo casal animador.
- A preparação do tema pode ser uma oportunidade para um dever de se sentar sobre o nosso casal e sobre o nosso “*sim*” conjugal, a partir da proposta que nos é feita.
- O parágrafo **B** “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, permitir-nos-á caminhar individualmente e em casal entre as duas reuniões, conduzindo-nos a uma mudança de atitudes e a romper a nossa rotina, em suma, a crescer.

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20____

Em casa de _____



A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. UMA BREVE LEMBRANÇA

De acordo com a dinâmica própria deste tema, vamos, *nesta segunda etapa*, esforçar-nos por descobrir juntos, em equipa, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, na nossa maneira de ser e de “parecer”**, para que a vida em comum do homem e da mulher possa reencontrar toda a sua riqueza, todo o seu valor, segundo a vontade de Deus.

Para evitar que a troca de ideias se torne muito teórica e para favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre “*o casal humano hoje*”, tínhamo-nos proposto, na reunião anterior, a escolher algumas questões e alguns problemas que nos tocassem particularmente (ver o parágrafo C). Preparemos esta reunião, tendo em conta essa proposta. A riqueza da nossa troca de ideias dependerá, em grande parte, da procura pessoal e em casal, como também da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos receio de “*mergulhar*” no Evangelho para aí procurar as passagens que possam esclarecer a nossa reflexão.

Na reunião anterior, pudemos descobrir como são grandes a dignidade e a santidade do casal cristão, se a vida Trinitária, com a sua infinita perfeição, santidade e bem-aventurança, estiver presente na sua vida. Pudemos descobrir que as coisas boas existentes no casal podem ganhar valor quando ele está mergulhado na vida do Deus Trinitário e como a união dos cônjuges ultrapassa toda e qualquer união natural, se Cristo se tornou o centro da sua comunidade de vida e se ambos vivem a própria vida de Cristo e, por Ele, a da Trindade divina.

Como é profunda e inviolável a fidelidade alicerçada na de Cristo à sua Igreja! E como é grande, e permanece além da morte, com a mesma força da fidelidade divina!

Compreendamos que a Igreja exorta os esposos, com amor maternal, a respeitarem-se mutuamente e a viverem numa santa união de amor, como Deus nos ama, como Cristo ama a sua Igreja e como o Espírito Santo vem trazer a força do amor aos esposos que se entregam totalmente um ao outro.

2. ALGUMAS PISTAS QUE PODERÃO AJUDAR NA NOSSA REFLEXÃO

*“Não se improvisam casais credíveis
de um dia para o outro”*

Gabriel e Marie Peeters

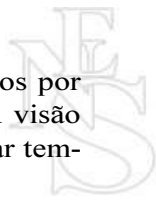
Seria ilusório acreditar que, porque estamos nas Equipas de Nossa Senhora, nos tornamos automaticamente mais capazes do que os outros de transmitir a boa nova da espiritualidade conjugal. O carisma do nosso Movimento não age por osmose! Para receber esse dom do Espírito, é preciso que passemos por uma conversão do espírito e do coração! Então, como a atingir?

- Num primeiro momento, devemos ter duas convicções vitais: primeiro **acreditar e, depois, continuar a acreditar na bondade do homem e na bondade do casal**. Trata-se de uma atitude muito difícil de adquirir e, sobretudo, de conservar bem viva no clima actual de cepticismo e de desconfiança.

O acto de fé que nos parece essencial consiste em crer **que Deus criou o homem** *“homem e mulher Ele os criou”* bom, muito bom mesmo. Isto significa que todas as catástrofes e todos os pecados da história não poderão jamais diminuir a bondade da criação do homem e do casal. É, portanto, indispensável **continuar a acreditar na bondade, procurando sempre encontrar o essencial muitas vezes invisível ...**

De seguida, lembremo-nos que foi **Cristo que deu a Sua vida** para que o laço de amor pudesse ser forte e indissolúvel. Não devemos esquecer que foi do lado aberto de Cristo na cruz que nasceu a Igreja. Foi Cristo que tornou o amor visível e possível para nós ...

- A partir destas duas convicções, tornamo-nos capazes de mostrar, através da nossa vida, **o que é o verdadeiro amor**.
- O amor verdadeiro é aquele que passou do estado de amor possessivo ao de amor doação. Proclamar (mostrar) hoje que somos mais felizes, dando do que recebendo, é não só remar contra a corrente de todas as ideias modernas, mas também expor-se à ironia dos que nos rodeiam.



- O amor verdadeiro é aquele que permite que vivamos juntos por muito tempo, aproveitando toda a riqueza desse tempo. A visão exacta do amor é dar tempo ao tempo, dar do seu tempo, dar tempo aos outros e deixar que o tempo actue.
- O amor verdadeiro é aquele que faz com que aceitemos e, sobretudo, amemos a diferença.
- O amor verdadeiro é aquele que permite personalizar tudo, pois a despersonalização da relação amorosa é um desastre, particularmente, para a sexualidade humana.
- O amor verdadeiro é aquele que ousa mostrar as suas feridas cicatrizadas porque o verdadeiro amor compreende o reconhecimento da sua fragilidade.
- O amor verdadeiro é aquele que ousa mostrar ao mundo que é preciso assumir o risco de ter filhos.
- O amor verdadeiro é aquele que propõe novamente os valores da compaixão na nossa sociedade violenta. É aquele que cria o espírito e a atmosfera das Bem-Aventuranças.
- O amor verdadeiro é aquele que dá um grande espaço à oração.
- Mas, ao mesmo tempo que mostramos qual é o ideal do amor, somos chamados a **praticar a misericórdia**. É talvez nesse domínio que nós, Equipas de Nossa Senhora, devemos fazer mais progressos! É muito difícil apresentarmos esse ideal e sermos, ao mesmo tempo, pessoas que vivem a compaixão. Quando apresentamos um ideal, estamos sempre mais preocupados em “*dar aos outros*” do que “*ser com os outros*”.

Praticar a misericórdia

- Começar por ter piedade de nós mesmos. Tomar consciência da nossa própria fragilidade.
- Saber aceitar que, objectivamente, o pecado existe e que é preciso suspender o nosso julgamento em relação aos outros ...
- Cultivar o perdão entre o casal e a família. “*O amor e o perdão são os movimentos do coração que mais fazem com que a civilização avance*”. Aliás, quando perdoamos, Deus está sempre presente ...



3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Estas passagens da Escritura serão meditadas por cada um durante o mês e servirão para a oração da reunião.)

Tu criaste Adão e, como ajuda e apoio, criaste Eva, sua mulher, e dos dois nasceu a raça humana. Tu mesmo disseste: “Não é bom que o homem fique só. Fazemos para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante.”

Se eu me caso com minha prima, não é para satisfazer a minha paixão. Eu caso-me com certa intenção. Por favor, tem piedade de mim e dela e faz que juntos cheguemos à velhice.

Tobias 8, 6-7

“Não obstante, nem a mulher se compreende sem o homem, nem o homem sem a mulher, aos olhos do Senhor. Pois, assim como a mulher foi tirada do homem, assim também o homem existe por meio da mulher, e ambos vêm de Deus.”

1 Co 11, 11-12

B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

Para o casal cristão, é através da união de cada cônjuge a Cristo, pela experiência diária e pessoal de que Jesus Cristo é Caminho, Verdade e Vida (Jo 14, 6) que se constrói a união espiritual e profunda dos esposos. Então revela-se e vive-se a plenitude Trinitária. Essa plenitude Trinitária, vivemo-la, diariamente, através de actos concretos.

A oração dos esposos

O matrimónio cristão é, como o celibato consagrado, uma experiência espiritual. A oração deve, então, irrigar a nossa vida conjugal, diariamente, para que o amor e a vida de Deus não sequem em nós.

O Padre Caffarel ensinou-nos que a oração alimenta os três níveis da pessoa: o corpo, o coração e o espírito, que são indissociáveis e complementares. A oração tem a sua fonte no coração, lugar de intimidade e de diálogo com o Senhor. Irriga o espírito, dilatando a nossa inteligência e a nossa razão. Ela anima o nosso corpo que reza, celebra, louva, ama e vive ...

A vida sacramental

Toda a vida espiritual deve ser alimentada pelos dois sacramentos primordiais da vida conjugal: a eucaristia e o perdão.

A eucaristia é o sacramento da redenção e do regresso à fonte original, é fonte de cura interior para o sofrimento de tantos homens e mulheres ... A eucaristia, alimento do nosso corpo, do nosso espírito, irriga toda a nossa vida conjugal humana e espiritual.

O perdão é o cimento da nossa relação com Deus e com os homens: as nossas incompreensões, os nossos erros, os nossos pecados, voluntários ou involuntários, criam rupturas de amor entre nós. O sacramento do perdão, a reconciliação, é, portanto, o sacramento essencial para reencontrar a liberdade do nosso coração. Cristo toma, então, sobre si, o fardo dos nossos pecados.

Pelo caminho da humildade e do perdão que o sacramento da reconciliação veícula, Ele alimenta toda a vida quotidiana do casal que, pouco a pouco, aprende a viver as acções necessárias para a reconciliação conjugal. A força do sacramento permite que os nossos corações se abram ao outro e à misericórdia de Deus. Permite-nos reencontrar a graça interior e a força da conversão.

O acompanhamento espiritual

Não podemos viver sozinhos, temos necessidade de um guia que nos leve a distanciar-nos de nós mesmos, para melhor analisarmos a nossa vida. Esse guia pessoal ou do casal (director espiritual) permite-nos prosseguir no caminho para a santidade à qual somos chamados pelo Senhor, através do nosso casamento. Não achamos que cada casal deve ter um director espiritual, um padre, um religioso ou mesmo um leigo realmente preparado para o ajudar a discernir o que é importante na sua vida?

Mística e mistério do casamento: Anneau d'Or ⁽¹⁾

O casal é a imagem de Deus:

“No dia em que Deus criou o homem, fê-lo à sua semelhança. Criou-os homem e mulher e abençoou-os. Deu-lhes o nome de Homem, no

⁽¹⁾ Cadernos de espiritualidade familiar criados em 1945, na sequência de um primeiro boletim editado a partir de 1942 pelos casais fundadores das Equipas de Nossa Senhora, sob a direcção do P. Caffarel.

dia em que os criou. Adão viveu cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança e deu-lhe o nome de Set.”

“*À sua semelhança*”: se o Espírito Santo, alguns versículos adiante e na mesma narrativa, emprega uma expressão idêntica para designar, em épocas diferentes, a criação do primeiro casal humano por Deus e a geração de Set por Adão, é um sinal de que temos aí alguma coisa para reflectir. Que Adão tenha gerado Set à sua semelhança, não é de estranhar. Um homem gera um homem e a filosofia assegura-nos que a geração se produz sempre em similaridade de natureza. Mas se “*semelhança*” tem, no contexto, uma dimensão tão profunda, quando o Espírito Santo nos diz que Deus criou o homem à sua semelhança, isso significa afirmar com São Pedro, “*Deus dá-nos presentes imensos, presentes que não têm preço e que nos fazem participar da natureza divina*”.

“*Eu digo-vos que sois deuses e filhos do Altíssimo*”.

Continuemos a observar, com bastante atenção, o texto: o homem que Deus criou à sua semelhança duplicou rapidamente: “*Ele criou-os homem e mulher, abençoou-os e deu-lhes o nome de homens*”. Homem não se opõe, portanto, a mulher, mas a todas as outras espécies criadas. “*Ele fez o homem à sua imagem. Ele fê-los homem e mulher*”: um vínculo misterioso parece ser sugerido entre o casal e a imagem. E o que nos tranquiliza é que encontramos esse vínculo mais acima, num versículo quase igual: “*Deus criou o homem à Sua imagem, Ele criou-o à imagem de Deus. Ele criou-os homem e mulher*”.

Adão e Eva ajudar-se-ão a amar como Deus ama

Que importam o belo jardim, os rios de águas alegres, as árvores fecundas? “*Não é bom que o homem esteja só. Falta-lhe uma auxiliar semelhante a ele.*”

- Para quê?
- Para amar.

Em vão, os animais desfilam disciplinados diante do rei que lhes dá um nome e os domina: Adão não encontra ninguém semelhante a ele. Possui tudo e tudo lhe falta, pois falta-lhe a possibilidade de se dar, de iniciar um diálogo de amor com um ser semelhante a si, capaz como ele e desejoso de se dar. Não é para rir a história da costela tirada de Adão, pois a realidade que ela simboliza é muito profunda: é essa similaridade de natureza, essa identidade desejada, essa necessidade de “*fazer o outro*”, de tirá-lo do seu próprio amor: “*Desta vez, sim; é osso dos*

meus ossos e carne de minha carne; ela foi tirada do homem". Que explosão de alegria quando Adão acordou! Sem hesitação, ratifica a intervenção divina, e dá a Eva tudo o que ela é. Se não foi Adão que criou Eva, está, pelo menos, unido ao amor criador que lhe deu a mulher. Estar unido é uma expressão fraca; seria melhor dizer que ele participa.

Segundo as Escrituras, Deus insufla no homem, e só nele, um espírito de vida: não se trata unicamente de uma respiração criada, mas do próprio sopro da sua boca. Há comunicação directa, face a face, do sopro divino, do Espírito que é amor e dom por excelência na Trindade. Aliás, vemos Cristo, na noite da Páscoa, no dia da recriação do homem, soprar no rosto dos seus: *"Recebam o Espírito Santo"*. Já no primeiro dia, o amor que é de Deus se derrama nos corações pelo dom do Espírito Santo. Vai permitir à sociedade humana ser a imagem da sociedade divina, uma sociedade de seres que se doam. É Ele que deixa Adão insatisfeito até à criação de Eva; é Ele que lhe provoca alegria e entusiasmo por ela; é Ele, ainda, que conduz Eva ao seu marido. *"Deus criou a mulher e fez com que ela se aproximasse de Adão."*

O seu amor devia ser consagrado e selado pelo beijo do Pai e do Filho.

"Eles unir-se-ão um ao outro e mesmo sendo dois, serão uma só carne". Não nos deixemos enganar pela palavra "carne". Para um semita, designa o homem na sua totalidade. O homem e a mulher são de tal maneira complementares que devem, levados pelo amor divino, formar um só ser humano completo, concreto, apesar da sua dualidade irredutível: dois, mas uma só carne à imagem de Deus, um em três pessoas. Estão nus, mas que importa? Estão revestidos, por dentro, do amor de Deus, completamente vestidos de Deus. Estão em Deus, amam-se em Deus, sempre ocupados em dar um ao outro aquilo que Deus lhes dá.

Provavelmente, no acto do pecado, encontramos essa colaboração, encontramos um dom: Eva colhe o fruto, come e dá ao seu marido; mas é um dom feito fora de Deus. Eles afastaram-se de Deus: é tão verdade que Deus não os encontra: *"Adão, onde estás?"*. Deus é amor; aquele que permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele; e Deus conhece-o no amor. Se ele não permanece no amor, Deus não o conhece, está perdido: *"Adão, onde estás?"*. Está nu: *"Tive medo e escondi-me porque estava nu"*. Está nu de amor, nu do amor criador que Deus derramava nele; já não sabe ratificar o dom divino: *"A mulher que tu me deste ..."* é quase uma censura ou, pelo menos, falta de entusiasmo. De agora em diante as relações do casal humano são de uma outra

ordem: se a atracção recíproca subsiste, já não é um encontro de dons absolutos que permitem a fusão alegre e perfeita, mas o choque de dois egoísmos, de dois desejos. “*Deus disse à mulher: os teus desejos arrastar-te-ão para o teu marido, e ele dominar-te-á*”. Era Deus que, até há pouco tempo, conduzia Eva para Adão; de agora em diante, ela está só, escrava de um desejo, escrava de um senhor.

Eloi Devaux

Proposta para um dever de se sentar

- No dever de se sentar deste mês, conversemos sobre a nossa oração conjugal e sobre a prática dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação.
- Tentemos descobrir, em caso de doença, o valor do sacramento da Unção dos Doentes, uma grande ajuda para reencontrarmos a graça de Deus em nós mesmos.

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a regra de vida do mês anterior e fazer um balanço do nosso progresso.
- Examinar a relação que temos com o nosso director espiritual; se não tivermos, pensar como poderia ser uma ajuda preciosa para fazer-nos progredir no caminho da santidade e ajudar-nos a viver melhor as graças do matrimónio.

C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER

1. Na primeira reunião da nossa reflexão sobre “*O casal humano, imagem de Deus Trinitário*”, combinámos aprofundar algumas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor com os outros casais da equipa, a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa vida.
2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa procura. Estejamos atentos para sermos verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

De “Escuta, Senhor, minha prece”



Esplendor sem limites

Liturgia bizantina de São Basílio

É verdadeiramente digno e justo,
Convém ao esplendor sem limites
Da Tua santidade,
Ó único verdadeiro Deus,
Louvar-Te, abençoar-Te, adorar-Te,
Cantar a Tua graça e a Tua glória;
Oferecer-Te, com um coração partido,
Com espírito de pobre,
Esta oferenda espiritual,
Para acolher a revelação da verdade.

Quem seria capaz de descrever a imensidão das Tuas obras?
Quem poderia louvar-Te pelas maravilhas
Que realizaste ao longo do tempo?
Tu és o mestre do universo,
O Senhor do céu e da terra,
De toda a realidade visível e invisível.



Tu estás sentado no trono da glória
E sondas os abismos.
Tu que és além do tempo,
Além da visão, além da inteligência,
Além do limite e do movimento,
Tu és também o Pai,
O Pai de Nosso Senhor e Salvador
Jesus Cristo,
O guardião da nossa esperança.

Ele é a imagem da Tua glória,
A expressão perfeita do Teu ser,
O Verbo vivo,
Deus verdadeiro, Sabedoria eterna,
Vida, Santificação, verdadeira Luz.

Através d' Ele resplandece o Espírito Santo,
Espírito da Verdade, dom da adopção
Primícias da herança prometida,
Começo da plenitude eterna,
Força que dá vida,
Fonte de santidade.
É n' Ele, por seu vigor,
Que toda a criatura inteligente e espiritual
Celebra e canta, sem cessar, a Tua glória.

Jean Pierre Dubois-Dumée

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20____

Em casa de _____

“Tomar consciência da realidade”

O que representa para nós, cristãos casados, membros das Equipas de Nossa Senhora, o sacramento que nos une? Será que Deus tem um projecto para o casal?

Este capítulo pretende ajudar-nos a aprofundar a nossa reflexão sobre a dignidade do casamento, que a Igreja celebra como um sacramento.

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. TOMAR CONSCIÊNCIA PARA NOS APOIARMOS SOBRE A REALIDADE DE HOJE

Podemos constatar, hoje, uma grande desvalorização da instituição do matrimónio. Muitos casais vivem juntos sem se casarem, nem mesmo pelo civil. Perante a interpelação que se faz, actualmente, sobre o valor deste compromisso, abre-se para nós uma oportunidade para aprofundar o casamento cristão, fruto do Sacramento que demos, um ao outro, no dia em que nos casámos.

Para começar a nossa reflexão, poderíamos dizer que Deus tem um grande projecto para o casal. Desde o Antigo Testamento, encontramos passagens eloquentes acerca do plano de Deus sobre o matrimónio. A narração da criação confirma que o homem e a mulher só reflectem a imagem de Deus, juntos (Gn 2, 21-24). É ao casal, quer dizer, ao homem e à mulher reunidos, que Deus confia esse projecto.

Jesus começa a sua vida pública num casamento em Caná e faz aí o seu primeiro milagre (Jo 2, 1-2), o que atesta a elevada estima que tem pelos esposos e pelo seu compromisso.

É, com efeito, uma grande e bela realidade humana ver os esposos comprometerem-se, um com o outro, diante da sociedade, para construir uma vida comum, a partir de certos valores (fidelidade, amor, partilha ...). O casamento civil não pode ser considerado como coisa banal. Quando damos a nossa palavra, publicamente, estamos a realizar um acto importante.

Mas Jesus elevou o casamento à categoria de Sacramento, isto é, o casamento dos baptizados torna-se o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, selada no sangue de Cristo.

Na epístola aos Efésios (5, 31-32), Paulo explica a correspondência entre o casamento e a união de Cristo com a sua Igreja. O casamento cristão reveste-se de um carácter sagrado pelo seu baptismo.

Na verdade, *“a comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra uma expressão significativa na aliança nupcial que se instaura entre o homem e a mulher ... O seu vínculo de amor torna-se imagem e símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo”* ⁽¹⁾.

O nosso Deus é aquele que faz aliança com os homens, manifestando-lhes um amor infalível. Essa aliança realiza-se em dois sacramentos: Eucaristia e Matrimónio.

«O ritual do matrimónio valoriza a participação dos esposos na Eucaristia, durante a qual eles trocam os seus consentimentos. Comunham sob as duas espécies; podendo beber juntos do mesmo cálice, o da “nova e eterna aliança”, segundo as palavras da consagração.

A doação mútua dos esposos pela troca do seu “sim” realiza-se diante do altar, pronto para receber o pão e o vinho que tornam presente o sacrifício ímpar de Jesus. O facto dessa doação acontecer junto ao altar simboliza que participa da Aliança entre Cristo e a Igreja. “Que venham frequentemente renovar a sua aliança, comungando juntos o corpo ressuscitado de Cristo”, diz a bênção nupcial que precede a comunhão. Como para todos os baptizados, também para os esposos a comunhão frequente é “viática”, isto é, alimento para o caminho de santidade. É isso que valoriza a posição em pé para receber o corpo e o sangue de Cristo. No seio do povo de Deus em marcha, os esposos marcharão lado a lado, na esperança do Reino de Deus.»

Monsenhor Thomazeau ⁽²⁾ - Colóquio das ENS, em Novembro de 1997

As passagens do Evangelho onde Cristo fala do casal (principalmente Mt 5, 31-32 e 19, 1-9) não falam propriamente do sacramento do matrimónio. Cristo não convida explicitamente os apóstolos a casarem-se, como faz quando os envia a *“baptizar todas as nações”* (Mt 28, 19) ou, ainda, quando lhes recomenda que façam a ceia eucarística *“em sua memória”*

⁽¹⁾ *“Familiaris Consortio”*, cap. 3,12.

⁽²⁾ Bispo francês, conselheiro espiritual das ENS e fundador das Equipas Jovens de Nossa Senhora.

(Lc 29, 19). Isso não impede que a realidade fundamental do casal seja menos importante. Jesus afirma-o insistentemente no Evangelho.

Quando Cristo fala da vida do casal, é para situá-lo na perspectiva do Reino que Ele anuncia: a vida a que convida os discípulos. O sacramento do matrimônio é a graça que Deus concede a duas pessoas para que vivam o seu amor. É a força de Deus que actua em nós. É um chamamento, uma vocação especial à santidade, é o dom do amor de Deus que actua em nós. É a transmissão da graça invisível de Deus através do sinal visível dos esposos ao serviço do amor.

O casamento é a imagem do amor que Deus tem pela Igreja, uma aliança que compromete para toda a vida. É um amor único, duradouro e fecundo.

Este dom dos cônjuges não se realizará verdadeiramente se o amor não for total, um amor que não aceita as limitações vindas do egoísmo, do medo, da falta de confiança. O dom recíproco, a própria essência do matrimônio, é incompatível com o egoísmo. Implica um sim para sempre. Este amor duradouro e responsável é possível e necessário. Não se trata duma ilusão, duma promessa leviana. Este amor para sempre é também condição duma felicidade partilhada e vivida em comum. Assim, não aprisiona, não empobrece, nem escraviza. Pelo contrário, dignifica, constrói e liberta.

A Igreja colabora para a felicidade dos esposos e para o bem da sociedade. Neste ponto de vista é *“mestra e humana”*, pois não restringe, mas liberta. O exemplo de tantos casais que conseguiram encontrar a felicidade, dia após dia, é um encorajamento para aqueles que entendem o casamento como ressentimento, separação e solidão. Do ponto de vista da fé cristã, o amor dos esposos é fiel, exclusivo, não trai e é digno de respeito.

O amor humano vivido no casamento implica a doação total dos cônjuges. Muitas vezes, o amor fiel e exclusivo é considerado impossível. É verdade, o amor nem sempre é fácil, mas a fidelidade traz dignidade para o homem e para a mulher. É uma atitude de justiça de um em relação ao outro. O casal humano é capaz de ser fiel e sê-lo-á muito mais quando Deus vem em seu auxílio e, com a sua graça, permite que ele vença as fraquezas e supere o inferno da desconfiança. Isso será possível se o casal tiver o seu olhar fixo em Cristo que, fiel até à morte no dom de si mesmo, dá testemunho de que o amor fiel é possível.

A fidelidade engloba diferentes aspectos e é indispensável ao sacramento do matrimônio. A fidelidade ao amor é, ao mesmo tempo, reflexo e condição de uma vivência plena. É essa abundância de amor, cuja

fonte é Deus, que é derramada sobre o casal e que se repercute na fecundidade, natural ou adoptiva ou, para os que não têm essa possibilidade, na fecundidade dos compromissos e da vida pessoal. Um amor que não tenha por consequência esta fecundidade será o único a que poderemos chamar estéril.

A liberdade é uma questão de confiança. O acto, pelo qual ela se dá, realiza-se sempre em algo que não podemos dominar. Se o homem e a mulher estão unidos por um sentimento de confiança e gratidão, verão que a sua união se abrirá para além deles mesmos, em direcção ao Outro Todo-Poderoso. O *“Eu - Tu”* realiza-se num *“Nós”* comum, que caminha para um terceiro, um Outro Todo-Poderoso.

O amor conjugal é um todo em que entram os diversos componentes da pessoa. Visa uma unidade profundamente pessoal que, para além da união numa só carne, leva o casal a ser um só coração e uma só alma.

O amor dos esposos exige, pela sua própria natureza, a unidade e a indissolubilidade do casal para toda a vida: *“Assim, eles já não são dois, mas uma só carne”*(Mt 19, 6).

“Se o casamento é sacramento da Aliança de Cristo com a Igreja, deve sê-lo para sempre. Quando Cristo faz aliança, é para sempre. Ele continua a amar mesmo aquele que o abandonou (...) A indissolubilidade faz parte dessa semelhança.”

Charles Bonnet

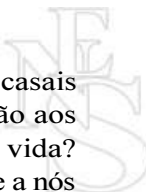
2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

Algumas questões são-nos propostas para orientar a nossa reflexão. Para que não haja dispersão, escolhamos aquelas que são para nós as mais actuais e as mais importantes.

De seguida, redijamos as questões pessoais que se colocam, hoje, à nossa própria consciência e que mais nos interpelam na nossa vida conjugal, familiar, social e profissional.

O amor humano atinge com Cristo uma dimensão divina. Com efeito, pelo sacramento, Cristo torna-se presente no centro do nosso amor e do nosso compromisso.

- Não descobrimos ainda toda a amplitude deste sacramento. Mas podemos sentir que, se conhecêssemos e compreendêssemos inteiramente o seu significado, alcançaríamos a verdadeira felicidade e seríamos *“uma só carne”*. Que fazemos para aprofundar o conhecimento deste sacramento? Leituras, retiro ... Queremos realmente aumentar o nosso conhecimento sobre este assunto?

- 
- Amar é um processo contínuo para toda a nossa vida. Como casais cristãos, somos depositários da fidelidade de Deus em relação aos homens. Como pomos em prática essa fidelidade na nossa vida? O que pode torná-la mais dinâmica? Como é que essa fidelidade a nós mesmos e ao outro pode ser imagem da nossa fidelidade a Deus?
 - O amor de Deus, vivido na Trindade Santa, é infinito e indissolúvel. Como reagimos perante a indissolubilidade do sacramento de amor que damos um ao outro no casamento? Como é que a promessa fiel de Deus em relação aos homens pode ser para nós um convite a viver o nosso amor por toda a vida?
 - Mas esse conhecimento não pode ser apenas um conhecimento intelectual; como é que a tomada de consciência do valor do sacramento pode ajudar-nos na nossa vida conjugal, no dia a dia?
 - Como utilizamos os meios que nos oferecem as Equipas de Nossa Senhora para vivermos o sacramento do matrimónio?
 - Estamos conscientes de que todos os nossos testemunhos de amor podem fazer actuar o amor de Cristo? Como?
 - De que maneira recorremos a Cristo nas dificuldades inevitáveis da nossa vida conjugal?
 - De que maneira manifestamos a nossa gratidão pelo amor com que Cristo nos envolve e pelo qual transfigura o nosso próprio amor?
 - De que maneira procuramos explicar a grandeza do sacramento do matrimónio aos nossos filhos, aos jovens, aos noivos que nos interpelam ou aos casais que nos rodeiam?

As nossas perguntas pessoais

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

Jesus partiu da Galileia e foi para o território da Judeia, no outro lado do rio Jordão. Numerosas multidões seguiram-nO e Jesus ali as amou.

Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e perguntaram-Lhe, para o testar: “É permitido ao homem divorciar-se da sua mulher por qualquer motivo?” Jesus respondeu: “Nunca leste que o criador desde o início, os fez homem e mulher?” E disse: “Por isso o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne? Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus uniu, o homem não o deve separar.” Os fariseus perguntaram: “Então, como é que Moisés mandou dar certidão de divórcio ao despedir a mulher.” Jesus respondeu: “Moisés permitiu o divórcio, porque sois duros de coração. Mas não foi assim desde o início. Por isso vos digo: quem se divorciar da sua mulher, a não ser em caso de fornificação, e casar com outra, comete adultério.”

Mt 19, 1-9 (*Questão sobre a indissolubilidade do matrimónio*) ⁽³⁾, ⁽⁴⁾ e ⁽⁵⁾

4. QUE DIZ A IGREJA SOBRE O MATRIMÓNIO HOJE

Na exortação apostólica “*Familiaris Consortio*”, João Paulo II falamos desse vínculo entre Cristo, esposo da Igreja, e o sacramento do matrimónio (§ 13).

«A comunhão entre Deus e os homens encontra o seu definitivo cumprimento em Jesus Cristo, o Esposo que ama e se doa como Salvador da humanidade, unindo-a a Si como seu corpo.»

⁽³⁾ Nenhuma família está ao abrigo dos sofrimentos e das rupturas vividas por um número cada vez maior de casais. Se a indissolubilidade do matrimónio é o ideal instituído pelo próprio Criador, o número de divórcios é um sinal da crise que a vida conjugal atravessa hoje. Na nossa oração em equipa e nas intenções que se seguem, daremos, é lógico, uma atenção especial àqueles que, em volta de nós, vivem esse amor desiludido e magoado.

⁽⁴⁾ Podemos escolher esta passagem num dos outros evangelhos sinópticos: Mc 10, 1-12; Lc 16, 18.

⁽⁵⁾ Não nos detenhamos por muito tempo nos termos “*divórcio*” e “*prostituição*”, que podem ter, segundo os exegetas, significados próprios em função da época e das interpretações rabínicas.

Ele revela a verdade originária do matrimónio, a verdade do “princípio” e, libertando o homem da dureza do seu coração, torna-o capaz de a realizar inteiramente.

Esta revelação chega à sua definitiva plenitude no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, assumindo a natureza humana, e no sacrifício que Jesus Cristo faz de si mesmo sobre a cruz pela Esposa, a Igreja. Neste sacrifício descobre-se inteiramente aquele desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher, desde a sua criação; o matrimónio dos baptizados torna-se, assim, o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, decretada no sangue de Cristo. O Espírito, que o Senhor infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge aquela plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que se doa sobre a cruz. (...)

Acolhendo e meditando fielmente a Palavra de Deus, a Igreja tem solenemente ensinado e ensina que o matrimónio dos baptizados é um dos sete sacramentos da Nova Aliança.

De facto, pelo baptismo, o homem e a mulher estão definitivamente inseridos na Nova e Eterna Aliança, na aliança nupcial de Cristo com a Igreja. E é em razão desta indestrutível inserção que a íntima comunidade de vida e de amor conjugal, fundada pelo Criador, é elevada e assumida pela caridade nupcial de Cristo, sustentada e enriquecida pela sua força redentora.

Em virtude da sacramentalidade do seu matrimónio, os esposos estão vinculados um ao outro da maneira mais profundamente indissolúvel. A sua pertença recíproca é a representação real, através do sinal sacramental, da mesma relação de Cristo com a Igreja.

Os esposos são, portanto, para a Igreja o sinal permanente daquilo que aconteceu sobre a cruz; são um para o outro e para os filhos, testemunhas da salvação da qual o sacramento os faz participar. Este acontecimento de salvação, o matrimónio, é memorial, actualização e profecia: “Enquanto memorial, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de recordar as grandes obras de Deus e de as testemunhar aos filhos; enquanto actualização, dá-lhes a graça e o dever de realizar no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências de um amor que perdoa e redime; enquanto profecia, dá-lhes a graça e o dever de viver e de testemunhar a esperança do futuro encontro com Cristo”.

Como cada um dos sete sacramentos, também o matrimónio é um símbolo real do acontecimento da salvação, mas de um modo próprio.

“Os esposos participam dele enquanto esposos, a dois como casal, a tal ponto que o efeito primeiro e imediato do matrimónio (res et sacramentum) não é, propriamente, a graça sacramental, mas o vínculo conjugal cristão, uma comunhão a dois tipicamente cristã, porque representa o mistério da encarnação de Cristo e o seu mistério de Aliança. E o conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal é um todo no qual entram todos os componentes da pessoa - o apelo do corpo e do instinto, a força do sentimento e da afectividade, a aspiração do espírito e da vontade; o amor conjugal dirige-se a uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, não conduz senão a um só coração e a uma só alma: ele exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade (cf. encíclica Humanae Vitae, n.º 9). Numa palavra, trata-se de características normais do amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e as consolida, mas eleva-as ao ponto de as tornar a expressão dos valores propriamente cristãos.»

Lemos igualmente na Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, “*Gaudium et Spes*”, a propósito da santidade do matrimónio:

“A íntima comunhão de vida e de amor conjugal que o Criador fundou e dotou com suas leis é instaurada pelo pacto conjugal, ou seja, o consentimento pessoal e irrevogável. Assim, do acto humano pelo qual os cônjuges se doam e recebem mutuamente, origina-se, também, perante a sociedade, uma instituição firmada por uma ordenação divina. Esse vínculo sagrado não depende do arbítrio humano, mas do próprio Deus que é o autor do matrimónio dotado de vários bens e fins, todos da máxima importância para a continuação do género humano, para o aperfeiçoamento pessoal e a sorte eterna de cada um dos membros da família, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade da própria família e da sociedade humana inteira.”

B - PARA NOS AJUDAR A REFLECTIR DURANTE O MÊS

“O SACRAMENTO NO QUOTIDIANO” (6)

*“Muitas vezes entende-se o **sacramento** como algo limitado no tempo, associado apenas ao momento da cerimónia. Contudo, tal como a palavra **casamento** não designa apenas a inauguração de um estado de vida que agora começa, assim também o sacramento se estende a toda a vida do*

(6) “*O casamento, 7 respostas*”, ed. Santuário, 2001.

casal. É todo o casamento que é sacramento. Digamos mesmo que se entra progressivamente no sacramento. Sacramentais são os actos que o constituem: a refeição tomada em comum, as manifestações de carinho, o acolhimento dos hóspedes, a educação dos filhos, as atenções mútuas e até as crises e as reconciliações. O lugar do sacramento não é só a Igreja, mas o leito, a mesa, a casa. (...)

*O casamento torna-se sacramental, tornando-se eclesial. Ora, muitas vezes esquecemos que casar-se é também receber uma missão. É já dar origem a uma nova célula da Igreja, a família. Mas é também ser consagrados para uma função específica que João Paulo II, após o Sínodo de 1980 (consagrado à família), não receia chamar de “ministério autêntico.”⁽⁷⁾ A primeira função desse ministério será certamente a educação dos filhos, **educação e evangelização**, precisa o texto. A missão do casal, porém, estende-se para além das quatro paredes da casa. **O casal e a família têm uma missão para o exterior**: acolhimento, hospitalidade, testemunho, ajuda mútua, liturgia, catequese, etc.*

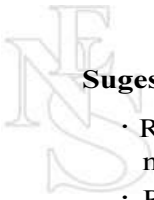
Às vezes diz-se que a família é a célula de base da sociedade; mas que seria uma célula sem corpo? Casar-se é também aceitar pertencer a um corpo mais vasto. Do corpo dos esposos ao corpo familiar e deste ao corpo eclesial e social, a dinâmica do sacramento é também uma dinâmica de integração e de serviço”.

Xavier Lacroix

Proposta para um dever de se sentar

- O que devemos mudar na nossa vida de casal cristão hoje, para sermos coerentes com a Palavra de Deus e, por consequência, com a Igreja?
- O nosso casamento tem contribuído para termos paz e sentirmo-nos bem connosco mesmos?
- O que descobrimos na leitura deste capítulo sobre o sacramento do matrimónio?
- Essas descobertas vão modificar a nossa maneira de ser, de agir e de reagir? Em relação ao outro? Em relação aos nossos filhos? Em relação à nossa família?...
- Como vivemos, na nossa vida de casal, a fidelidade em todas as suas dimensões?

(7) Entendemos por ministério um serviço reconhecido pela Igreja.



Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a nossa regra de vida do mês passado e fazer um balanço do nosso progresso.
- Reservar um tempo para ler um artigo ou assistir a uma palestra sobre o casamento.

C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO

1. Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomo-vos que dêem a volta por todos para que cada um, por sua vez, possa expor (sem ser interrompido!) as suas ideias sobre a situação dos cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio no mundo de hoje. Neste momento, cada um poderá colocar as suas questões pessoais redigidas no momento da preparação da reunião, assim como evocar, igualmente, as suas experiências de vida e alguns dos problemas que tem de enfrentar hoje.
2. De seguida, a equipa fará uma escolha limitada das questões e dos problemas mencionados por cada membro da equipa. Essas questões e esses problemas serão aprofundados durante o mês e discutidos na próxima reunião.

Perguntas e problemas que serão discutidos na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês seguinte e partilhar na próxima reunião.)



Nós somos dois,
Mas Tu estás aqui, Senhor,
No caminho da nossa vida.

Nós somos diferentes,
Mas, cada um no seu ritmo,
Avançamos na Tua direcção.
Aprofundando, ao longo dos dias,
O dom total de um ao outro,
Abrimo-nos ao Teu Amor.

Ele espera um gesto meu, uma palavra
Que lhe permita ser reconfortado e acolhido.

Eu espero dele
Um coração atento às minhas preocupações, à minha fadiga.

Fechados na prisão de nosso egoísmo,
Não conseguimos encontrar-Te.

Mas a pequena chama da Tua presença
Acende em nós o Amor.

Alimentados pela Tua Palavra,
Banhados pelo Teu Espírito
Caminhamos para Ti.

Abençoado sejas Tu, Deus conosco, Emanuel.

Dominique, *Revista Aliança* - n.º 100: “A aventura do casal”.

Para a próxima reunião

“Reflectir para transformar-se e comprometer-se”

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **segunda reunião**.
- Preparar as questões escolhidas na conclusão da primeira reunião, que serão lembradas pelo casal animador.
- A preparação do tema pode ser uma oportunidade para um dever de se sentar sobre o nosso casal e sobre o nosso “*sim*” conjugal, a partir da proposta que nos é feita.
- O parágrafo **B** “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, permitir-nos-á caminhar individualmente e em casal entre as duas reuniões, conduzindo-nos a uma mudança de atitudes e a romper a nossa rotina, em suma, a crescer.

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. UMA BREVE LEMBRANÇA

De acordo com a dinâmica própria deste tema, vamos, *nesta segunda etapa*, esforçar-nos por descobrir juntos, em equipa, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, de ser e de “parecer”** para que a vida em comum do homem e da mulher possa reencontrar toda a sua riqueza, todo o seu valor, segundo a vontade de Deus. Para evitar uma troca de ideias muito teórica e para favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre **“o casal humano, hoje,”** tínhamo-nos proposto, na reunião anterior, escolher algumas questões e alguns problemas que nos tocassem particularmente (ver parágrafo C). Preparemos esta reunião, tendo em conta essa proposta. A riqueza da nossa troca de ideias dependerá, em grande parte, da procura pessoal e em casal, assim como da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos receio de *“mergulhar”* no Evangelho para aí procurar as passagens que possam esclarecer a nossa reflexão.

Na reunião anterior, tentámos descobrir as riquezas do sacramento do matrimónio que tornam a união do homem e da mulher semelhante à Aliança de Cristo com a Sua Igreja, e faz da família uma *“igreja doméstica”*.

É, na verdade, importante que tenhamos consciência da nossa vocação para o casamento e que saibamos que esse apelo nos orienta num caminho especial, bem diferente daquele que seguem os celibatários e as pessoas consagradas à vida religiosa.

O nosso caminho de santidade não é o mesmo. Pela particularidade do estado matrimonial, vivido pelo homem e pela mulher unidos pelo sacramento, as expressões de fé e o caminho da sua espiritualidade devem ser também diferentes.

“Não há maior amor do que dar a nossa vida por aqueles que amamos.”

2. ALGUMAS PISTAS QUE PODERÃO AJUDAR NA NOSSA REFLEXÃO

“A felicidade conjugal constrói-se ao longo da vida. No começo, é um acto de fé, consciente ou inconsciente, naquilo que é prometido, no dia do casamento, sobre o que será a vida do casal. Há sempre um pouco de aventura na decisão de viver juntos. Dizem que o “sim” do casamento é uma espécie de cheque em branco, uma aposta no futuro, que tem por bússola a única certeza de que os cônjuges tentarão juntos construir a felicidade. E essa certeza é suficientemente forte para varrer o medo do desconhecido.

Efectivamente, ao longo dos dias e dos anos, os esposos encontram força e alegria na sua união e crescem mutuamente. O seu encontro é criativo, fonte de toda a fecundidade carnal e espiritual, mas, por vezes, têm de passar por provas. Amar é, ao mesmo tempo, crer e ter esperança um no outro, é perdoar e dar prova de confiança.

Amar é confiar um no outro para realizarem juntos uma vida mais fecunda, um lar, uma família. O Criador confia aos humanos a natureza inteira, mas também os confia, uns aos outros.”

“O casal, caminho para Deus” (1)

Na construção desse amor, entram necessariamente em jogo a fidelidade e o perdão; vejamos como Monsenhor Tomazeau (2) nos fala desses dois pontos:

«A fidelidade no casamento encontra a sua fonte na fidelidade de Deus. É mesmo a chave daquilo que a Igreja celebra no sacramento do matrimónio, e a razão pela qual os noivos vêm pedir ao Senhor que os abençoe na Sua Igreja. O Senhor é a “rocha”, ou “a pedra angular” para citar as imagens de solidez das Escrituras. Os jovens compreendem então que a sua fidelidade será criativa e alegre, não só pelo seu querer, mas pela santidade que Deus dá.

“Amai-vos como Eu vos amei.”

Para os esposos cristãos, a fidelidade no casamento constrói-se com humildade e confiança todos os dias. Devemos procurar amar o cônjuge como sentimos que Deus nos ama. O esposo ou a esposa torna-se o primeiro dos próximos. É aquele que lhe é confiado a fim de velar com ternura, compaixão e misericórdia. [...]

A experiência do perdão faz parte da história da fidelidade de Deus, e encontra-se também no caminho da fidelidade conjugal.

(1) Christiane e Michel Barlow, DDB, 1995.

(2) “Boa Nova do Casamento”, ed. CERF, 1984.

Nas horas de dificuldade, como a criança que tem necessidade de ver a compreensão nos olhos dos pais para se reerguer, quando, por acaso fez algo errado, os esposos são essa força um para o outro. A ternura do olhar confirma que a confiança do cônjuge não está abalada. Saber que temos um aliado que nunca nos vai decepcionar é uma grande força na vida.»

Na Carta Apostólica “*Novo Millennio Ineunte*”, no começo do novo milênio, João Paulo II fala também sobre o casamento (§ 47):

«Na visão cristã do matrimônio, a relação entre um homem e uma mulher - relação recíproca e total, única e indissolúvel - corresponde ao desígnio originário de Deus, ofuscado na história pela “dureza de coração”, mas restaurado no seu esplendor primordial por Cristo, como Deus quis “no princípio” (Mt 19, 8). No matrimônio elevado à dignidade de Sacramento está expresso “o grande mistério” do amor esponsal de Cristo pela sua Igreja (Ef 5, 32).

Sobre esse ponto, a Igreja não pode ceder às pressões de determinada cultura, ainda que generalizada e, por vezes, militante. Pelo contrário, é preciso fazer com que, por meio de uma educação evangélica sempre mais completa, as famílias cristãs ofereçam um exemplo persuasivo da possibilidade de um matrimônio vivido plenamente em conformidade com o desígnio de Deus e com as verdadeiras exigências da pessoa humana - a dos esposos e, sobretudo, a dos filhos. As próprias famílias devem estar cada vez mais conscientes da atenção devida aos filhos e serem activas, na Igreja e na sociedade, com uma presença eficaz na defesa dos seus direitos.»

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Este extracto será meditado por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

“Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela; assim, Ele a purificou com o banho de água e a santificou pela Palavra, para apresentar a Si mesmo como uma Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou qualquer outro defeito, mas santa e imaculada. Portanto, os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, nutre-a e cuida dela, como Cristo faz com a Igreja, porque somos membros do Seu corpo.”

Carta de São Paulo aos Efésios 5, 25-30

O SINAL DO DOM TOTAL PARA SEMPRE ⁽³⁾

“Entregando o meu corpo à pessoa que amo, para sermos um só corpo, realizo de algum modo a Aliança eterna de Cristo com a Sua Igreja. A união sexual, na qual se realiza e se completa o matrimónio, é sacramento, sinal; ela participa da realidade do dom que Cristo faz do Seu corpo à Igreja para que sejam um só corpo. O casal é sacramento da união de Cristo e da Igreja, ao amar-se, sem excluir a sua dimensão corporal. Para São Paulo e para a Igreja, esse dom é tão bom que Deus não hesita em compará-lo ao Seu próprio dom.

Hesitei, por muito tempo, antes de citar São Paulo, com medo de escandalizar. Como é possível, diriam alguns, comparar uma realidade tão pouco espiritual ao mistério do Calvário e da Eucaristia?

Mas esse medo não seria uma espécie de desprezo inconsciente do corpo e da sexualidade? Não seria incapacidade de acreditar que a união sexual é de ordem espiritual? São Paulo já disse isso, nas entrelinhas, em 1 Cor 6, 15-17. Compreendemos então o profundo respeito da Igreja pela união de amor de um homem e de uma mulher. Isso já não pode ser mais um gesto banal, o contacto rápido dos corpos, na busca de um prazer efêmero, um gesto de afeição sem importância, entre companheiros. Não. Trata-se do dom total ao outro. Dar o nosso corpo ao outro é o dom supremo, é o que damos, depois de termos a certeza da grandeza do nosso amor e decidirmos darmo-nos para sempre. À semelhança de Cristo: “Tendo amado os seus discípulos até ao fim ... diz-lhes ... eis meu corpo, entregue ... para a nova e eterna Aliança”.

Padre Charles Bonnet

Proposta para um dever de se sentar

- Relembremos a nossa celebração do matrimónio, a homilia, a oração dos esposos, a declaração de intenções, a troca de consentimentos ...
- Apoiemo-nos nesses textos para redescobrir as suas riquezas e o seu significado para o casal que somos, hoje.

⁽³⁾ Extractos de uma palestra pronunciada pelo padre Charles Bonnet, no Instituto da Família, em Paris.

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a regra de vida do mês anterior e fazer um balanço do progresso conseguido.
- Escolher uma regra directamente ligada à maneira pela qual desejamos viver o nosso sacramento do matrimónio.

C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER

1. Na primeira reunião da nossa reflexão sobre os casais cristãos de hoje, combinámos aprofundar algumas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor com os outros casais da equipa a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa vida.
2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa procura. Estejamos atentos para sermos verdadeiros, abertos, disponíveis e responsáveis.

D - ORAÇÃO PARA O FIM DA REUNIÃO

Nosso Pai, Tu estás além de tudo ...



Pai nosso,
 Tu que estás além de tudo
 E presente no coração daqueles que se amam,
 Confiamos-Te a nossa vida em casal.



Que o Teu nome seja exaltado
E que o nosso sim, a cada dia renovado,
Possa ser sinal da Tua presença.
Para que a justiça, a paz e a alegria
Sejam abundantes no Espírito Santo
Faz de nós teus operários
E permite que cada um ajude o outro a servir-Te o melhor possível
Que o nosso querer e nosso poder se unam a Ti
Para vivermos segundo o Teu Evangelho.

Concede-nos que nos amemos todos os dias
Na alegria e na ternura,
Mas também na irritação e no nervosismo;
Na delicadeza e no bom humor,
Mas também nos momentos de fadiga e de inquietude.

Perdoa-nos a nossa falta de esperança,
A nossa pouca fé e caridade
E ensina-nos a viver um amor que perdoa.

Não nos deixes desanimar
Quando o pecado nos afasta um do outro,
Mas faz-nos renascer sempre
Para um amor mais simples e mais santo.

Marie-Françoise e Denis (Alliance)

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20____

Em casa de _____

“Tomar consciência da realidade”

As Bem-Aventuranças mostram o caminho da felicidade. O casal cristão que se une para ser feliz não deveria ser um especialista em Bem-Aventuranças? Contudo a sua mensagem suscita, muitas vezes, perplexidade e até mesmo certas reticências. Não será porque essas palavras de bênção ensinam o que é, objectivamente, a felicidade?

As Bem-Aventuranças convidam-nos a esquecermo-nos de nós mesmos (como pessoa e como casal) e da sociedade em que vivemos, para acolher a felicidade tal como ela realmente é. Aí está a grande dificuldade que tentaremos descobrir ao longo deste capítulo: não nos deixarmos encher de nós mesmos, mas voltarmos-nos para Aquele que é a felicidade e a verdadeira alegria.

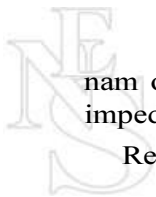
A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. TOMAR CONSCIÊNCIA PARA NOS APOIARMOS SOBRE A REALIDADE DE HOJE

Quando lemos as Bem-Aventuranças, corremos o perigo de não reter nem a primeira palavra, nem a promessa contida na segunda e de rejeitar as oito na sua globalidade. A palavra “*Felizes*”, com que começa cada uma das Bem-Aventuranças, não é difícil de ser aceite por nós, cristãos, no ambiente de pessimismo e de indiferença em que vivemos? Não será mais difícil ainda por aqueles que não conhecem Cristo? Então, tomar consciência da realidade da nossa vida, hoje, é interrogarmos sobre o nosso ideal cristão em casal, sobre o casamento como uma vocação e sobre a felicidade como ilusão ou realidade possível. De facto, seremos levados, ao longo deste capítulo, a escolher entre o **ter** e o **ser**.

Pode viver-se o ideal cristão em casal?

O ideal cristão que nos é apresentado pelas Bem-Aventuranças é, hoje, difícil de ser acolhido pelos homens e mulheres deste mundo demasiado materialista e tecnológico. Não é este mundo onde predomi-



nam o descartável, a injustiça, a depravação e os poderosos que nos impede de viver o ideal cristão?

Retomemos, uma a uma, as Bem-Aventuranças:

a) “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

Será aceitável dizer, nos dias de hoje, que aquele que se entrega totalmente a Deus, que aceita essa atitude de pobreza espiritual pode ser uma pessoa feliz? Pensemos também nos que sofrem de depressão, de doenças mentais, nos que apresentam deficiências físicas. Como podem essas pessoas ser felizes?

No mundo em que vivemos, os casais querem, acima de tudo, possuir riquezas, riquezas materiais e a noção de pobreza é-lhes insuportável. O homem e a mulher trabalham, o que não lhes permite consagrar o tempo suficiente e necessário Àquele que é tudo em todos.

“*Felizes os pobres em espírito*” fala da pessoa humilde que espera e crê na ajuda de Deus. Esta noção incomoda os homens e as mulheres do terceiro milênio.

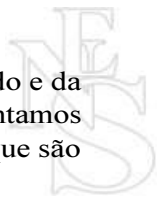
b) “Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança”.

Como os pobres em espírito, da primeira bem-aventurança, o termo designa aqueles que contam com o Senhor. A mansidão exaltada por Cristo choca com a violência dos revoltados que rejeitam todas as formas de leis que lhe são impostas. A única lei que compreendem é sua própria lei. E esta entra em choque com a dos mansos e fomenta a violência e o terror. A bem-aventurança “*Felizes os mansos*” estimula os casais a não perderem de vista a tranquilidade da família cristã que se expressa na ternura do homem e da mulher. O casal cristão é convidado, a exemplo de Francisco de Assis, a não ser muito rígido consigo mesmo, pois essa rigidez continua nas suas atitudes com os outros, o que poderá ser uma armadilha do orgulho.

c) “Felizes os que choram porque serão consolados”.

Num mundo em que dificilmente tomamos consciência da nossa própria fragilidade, em que temos medo de contemplar o lado escuro do nosso ser e os nossos fracassos, o sofrimento é rejeitado. Como podem ser felizes aqueles que choram? Os que sofrem? Aqueles que morrem? Se nos colocarmos na perspectiva da felicidade autêntica que só Deus é capaz de nos dar, se nos colocarmos diante da cruz, diante de

Cristo, aceitando o sofrimento para livrar a humanidade do pecado e da morte, podemos ser felizes, apesar das nossas lágrimas, pois contamos com a consolação que vem de Deus, com os dons da Sua graça, que são muito maiores do que o mal e o pecado.



d) “Felizes os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados”.

Todos os dias, a rádio, a televisão ou a leitura dos jornais mostram a injustiça. Crimes odiosos, catástrofes, corrupção, reviravoltas políticas fazem-nos duvidar da justiça. No entanto, o sentido de justiça está inscrito no coração do homem; é um desejo irreprimível e o casal cristão, lugar por excelência de formação, deve ser sensível a esse sentimento de justiça. A família cristã é incompreendida quando exalta outros valores que não sejam os da economia, do útil ou do rentável.

Esta sede e esta fome de justiça expressam-se pelo olhar que dirigimos aos pobres, aos estrangeiros, aos marginais que encontramos no nosso dia a dia. O casal cristão deve também interrogar-se sobre a sua atitude face aos casais que não vivem o seu ideal - divorciados, recasados, casais que vivem em união de facto e homossexuais. Apesar dos esforços que possamos fazer para entender a justiça segundo Deus, ela vai além da nossa percepção humana, apoiando-se no olhar de amor do nosso Pai que é verdadeira justiça.

e) “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.

Os nossos contemporâneos têm medo do fracasso, têm medo de se contemplar a si mesmos, pois a sua fragilidade e o seu pecado são um insulto à sua força e vontade de dominar o mundo.

Será que, hoje, a misericórdia é considerada um valor? Será que esta atitude moral feita de compaixão e de perdão é aceitável pelas pessoas, privadas, brutalmente, pela violência, da presença de um ente querido?

Tendo em conta que o nosso cônjuge é diferente do que gostaríamos que fosse, como vivemos em casal a misericórdia?

E a família, lugar dos melhores momentos de alegria, mas também de sofrimento, lugar de reconciliação, mas também de separações, não será o lugar onde se pode educar para o perdão, para a misericórdia?

f) “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus”.

O ideal de pureza parece inteiramente esquecido no nosso mundo. O tempo em que vivemos opõe-se a ele, ridiculariza-o até. Não se trata

só da pureza entre homens e mulheres, mas da maneira como olhamos os acontecimentos, numa atitude de humildade e transparência que marca qualquer relação verdadeira, autêntica.

No cerne do casal existe a pureza? Que pureza vivemos na nossa relação? No seu comentário sobre esta bem-aventurança, Claude Tassin lembra-nos que *“Aos puros de coração” a sexta bem-aventurança promete que “verão a Deus”. Ela inspira-se no Sl 24 (23), 3-6 que anuncia quem terá acesso ao templo: “o inocente de mãos e coração puros ...”. Essa é, acrescenta o texto, “a raça daqueles ... que procuram a face de Deus ...” Sobre esse pano de fundo a pureza não tem aqui relação directa com a sexualidade, mas exalta a honestidade, a ausência de toda a duplicidade, a coerência entre o agir (as mãos) e as motivações profundas (o coração). Na mentalidade semítica, o coração é a fonte do agir. Se essa fonte for barrenta, os actos que brotarão dela serão impuros:” ... a árvore que produz bons frutos ...” (Mt 7, 17-19).*

g) *“Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”.*

A violência começa onde vivem homens. Como é que a grande família dos homens viverá em paz, se os nossos casais e as nossas famílias não sabem criar as condições para uma verdadeira paz? Num mundo em que os homens têm muita dificuldade em se aceitarem a si próprios humildemente e ainda mais em aceitar os outros, não é fácil ser um construtor da paz. É na conversão quotidiana do coração que reside a capacidade de estar em paz: paz consigo mesmo, paz com os outros. O individualismo, o egoísmo e o orgulho são valores que a nossa sociedade reconhece profundamente; eles são o oposto dos valores que devemos adoptar, para sermos promotores da paz.

h) *“Felizes os que são perseguidos por causa de Mim”.*

Ser perseguido é algo que a sociedade de hoje não aceita, quanto mais ser perseguido por causa de Deus. Não podemos ignorar aqueles que são perseguidos por causa da sua fé. Essa perseguição atinge fisicamente o homem em numerosos países do mundo; a lista seria longa (Argélia, Afeganistão, Índia, Sudão, China ...). No entanto, ela é menos visível e mais perniciosa num grande número de outros países. Nesses lugares, a família cristã e o casal cristão são desvalorizados, sendo frequentemente objecto de difamação, de críticas pelas posições que tomam, pela educação que dão aos seus filhos, pela maneira de viver a sua vida sexual, pelas suas posições em relação a factos que acontecem na sociedade, etc.

A perseguição não é aceitável, no entanto, acontece todos os dias nos meios de comunicação social, quando são feitas críticas contra uma ou outra atitude do Papa, ou dos bispos, ou de muitas outras pessoas e casais.

Nós mesmos não somos, muitas vezes, causadores da perseguição dos outros, devido à nossa intolerância, à falta de atenção aos seus argumentos, às nossas posições ou ao nosso radicalismo?

Neste mundo em que é difícil viver as Bem-Aventuranças em casal, em família, como ser humano, estejamos cientes de que o nosso baptismo nos torna pobres, mansos, humildes, famintos e sequiosos de justiça, misericordiosos, construtores da paz, de coração puro e prontos a dar a nossa vida por aqueles que amamos.

O casamento, uma vocação?

Para nós, casais cristãos, as Bem-Aventuranças são vividas no casamento. Então, o casamento é uma vocação às Bem-Aventuranças?

Para a esmagadora maioria das pessoas, o casamento constitui o modelo de uma escolha de vida e o cristão não é uma excepção. No entanto, existe um abismo entre o mundo da vida matrimonial quotidiana e o mundo da teologia espiritual do casamento. Além disso, o sucesso de um casamento depende muito de uma boa preparação. Ela começa pelo exemplo dos pais e requer uma catequese para o casamento que se estende por um período longo, uma espécie de catecumenato matrimonial. Trata-se da preparação para uma vida a dois onde é fundamental, desde o início, a abertura à alteridade do cônjuge (ele/ela é uma outra pessoa). A aprendizagem é também primordial no campo da sexualidade para que os cônjuges cheguem à felicidade que se pode viver nesse domínio da vida íntima.

Além disso, é importante que o casal construa pela atenção mútua e pelo diálogo permanente a confiança, sem a qual o perdão não pode existir.

O conhecimento dos limites e das forças de cada um permite-lhes, ainda, proteger a liberdade e a vulnerabilidade dos cônjuges. A decisão de reservarem, por exemplo, um tempo só para os dois, como o “*dever de se sentar*”, proposto pelas Equipas de Nossa Senhora, significa cultivar o mundo interior das ideias, de modo que o respeito mútuo e a coragem de se compreenderem permitam conceber a história da vida em comum como uma aventura espiritual.

Em seguida, o sucesso do casamento passa pelo desenvolvimento da confiança, do diálogo em casal e da oração. A escolha de vida que

representa a vocação ao casamento põe à prova o homem e a mulher em inúmeras situações. Entre outras: o crescimento na fidelidade mútua, a manifestação de solidariedade em situações de conflito ou dolorosas, a absoluta sinceridade e a rectidão de um para com o outro. Mas é preciso aprender também a arte de envelhecer juntos, permitindo que haja estados diferentes de maturidade. Finalmente, a sexualidade necessita, ela também, de uma forma de expressão que procede de uma consideração mútua cheia de amizade, delicadeza e carinho.

O peso das obrigações do dia a dia e o tédio do contexto social, com todas as suas consequências, realça, de maneira às vezes angustiante, a distância que separa o ideal da realidade do casamento.

Um casamento assumido como vocação é vivo na medida em que leva os esposos a inserirem-se na Igreja e no mundo e a abrirem-se aos membros mais fracos da comunidade. Só quem partilha generosamente a graça de seu amor, pode conservá-lo vivo.

Em suma, trata-se de conceber a vocação do casamento como uma promessa e uma oportunidade de vida plena na aceitação e na esperança cristãs.

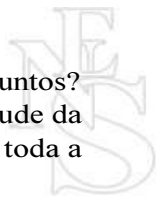
A felicidade, ilusão ou realidade?

Falamos pouco de felicidade e, no entanto, é o que mais desejamos. O homem procura a realização total, a plenitude; a vida em casal e o casamento são um caminho para viver plenamente a realidade da felicidade.

Viver no espírito das Bem-Aventuranças permite passar da ilusão da felicidade a uma realidade forte, pois o que nós vivemos como casal encontra-se no seio das Bem-Aventuranças. As Bem-Aventuranças são a chave da lei de Cristo! Elas existem para os puros, para os pobres, para os misericordiosos, para aqueles que suportam a perseguição, para aqueles que têm fome e sede de justiça. Bem-aventuradas as pessoas que choram ...; são todos estes valores, frutos do Espírito Santo que somos convidados a viver na nossa vida conjugal: o amor, a paciência, a bondade, a paz, a mansidão, o controle de nós mesmos, que sendo frutos do Espírito, são também frutos do nosso amor conjugal.

Viver segundo as Bem-Aventuranças é exaltar os valores da doçura, porque os valores da força não são cristãos.

Fica, no entanto, para quem escuta as Bem-Aventuranças uma dúvida que o impede de dar o passo decisivo: qual é a recompensa, concreta, oferecida ao casal que segue Cristo? É a felicidade imediata e mate-



rial? É a felicidade das crianças? É a felicidade de envelhecer juntos? Não, o Reino dos Céus, a Terra prometida, a consolação, a plenitude da justiça e da misericórdia, são prometidos para aqueles que põem toda a sua confiança no Senhor Jesus ressuscitado.

Para cada um de nós, as Bem-Aventuranças são, ao mesmo tempo, aquilo que nós somos, o que nós vivemos, a nossa Felicidade ... É um programa, um convite para nos convertermos, para mudarmos de direcção, para fazermos uma boa escolha, para sermos verdadeiramente felizes. As Bem-Aventuranças são a expressão da felicidade que passa da ilusão à realidade. É, ainda, um convite para nos ajudarmos um ao outro, mas também para ajudarmos aqueles que nos são confiados, apoiados na Providência, em Deus que nos sustenta, dia após dia, e nos dá o essencial.

Quando demos o “*sim*” um ao outro, afirmamo-nos também:

- **Felizes**, porque somos pobres no amor que estamos a construir, pois estamos no caminho da santidade.
- **Felizes**, porque nos sentimos tranquilos na ternura das nossas conversas, na ternura dos nossos olhares, dos nossos beijos e dos nossos corpos, pois asseguraremos, com a ajuda de Deus, a paz na terra.
- **Felizes**, porque choramos devido ao nosso egoísmo, às nossas vaidades, ao nosso individualismo e ao nosso orgulho que dificultam a nossa entrega ao outro, mas as nossas lágrimas serão enxugadas.
- **Felizes**, porque temos fome e sede dessa justiça que vamos assumir (indo além das nossas diferenças, das nossas complementaridades, da nossa alteridade), pois Deus permitir-nos-á crescer e formar um casal unido.
- **Felizes**, se formos misericordiosos, prontos para o perdão, para a reconciliação, pois estamos prontos a acolher os defeitos do outro e a ajudarmo-nos mutuamente para crescer na unidade dos corações, dos corpos e das almas.
- **Felizes**, se o nosso coração é puro com esse ideal de felicidade que desejamos para nós mesmos, para o outro, para os nossos filhos e para todos os que estão perto de nós, pois os nossos corações simples, cheios de transparência e de autenticidade, aproximam-nos de Ti, Caminho, Verdade e Vida.
- **Felizes**, se formos artesãos da paz no lar que construímos, qualquer que seja a nossa idade, pois queremos aceitar humildemente estar em paz connosco mesmos para podermos estar em paz com



o nosso cônjuge e com os nossos filhos. O nosso coração abre-se à conversão para se abrir à paz.

- **Felizes**, mesmo sabendo que podemos ser perseguidos devido às nossas opiniões e atitudes, mas felizes, porque seremos fortes na nossa fé, vivos na esperança e repletos do nosso amor.

Ter ou ser

As Bem-Aventuranças - como dissemos no início - são um paradoxo, pois exaltam o inverso do que se vive hoje no mundo. **As Bem-Aventuranças privilegiam o “ser”, são o Credo daquilo que deve ser o casal**, em contraponto ao Credo daquilo que deve ter o casal.

As Bem-Aventuranças recusam o poder, a impureza, a violência, a hipocrisia, a injustiça, a condenação; elas negam-se a considerar que a tristeza do mundo é o rosto sombrio do jovem rico, que parte, entristecido, porque prefere as suas grandes riquezas à imitação de Jesus Cristo. **“Ter”** ou **“Ser”** é uma questão colocada sempre aos nossos casais, hoje, tentados a possuir coisas, enquanto a primeira das Bem-Aventuranças, a maior de todas, proclama que somos felizes porque somos pobres. *“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”*. A promessa de felicidade eterna no Reino dos Céus é feita para nós, se tivermos a capacidade de **ser** casais cristãos na Igreja e no Mundo, que querem mais do que ter, mais do que possuir os bens passageiros e fúteis, bens que desaparecerão com os nossos corpos.

2. INTERROGAR-SE PARA DISCERNIR

Algumas questões são-nos propostas para orientar a nossa reflexão. Para que não haja dispersão, escolhamos aquelas que são para nós as mais actuais e as mais importantes.

De seguida, redijamos as questões pessoais que se colocam, hoje, à nossa própria consciência e que mais nos interpelam na nossa vida conjugal, familiar, social e profissional.

- Como viver a pobreza evangélica? Como excluir o supérfluo, para ganhar em simplicidade de coração e chegar ao essencial, para encontrar, no cerne do Sacramento do Matrimónio, as graças necessárias para responder ao apelo à santidade que Jesus Cristo nos lança?
- Num mundo de violência, os casais não são poupados. É uma violência, muitas vezes escondida, às vezes manipuladora, mas sem-

pre fonte de sofrimento. Como podemos ser mais responsáveis pela construção de uma sociedade que viva a atmosfera das Bem-Aventuranças e dos frutos do Espírito Santo? Amor, paciência, paz, doçura ...

- *“Felizes aqueles que choram, felizes os aflitos”*. Como aceitar isto, se pensamos que a mensagem do Evangelho é apenas mensagem de alegria e não uma interpelação sobre os nossos pecados e sobre o mal que fazemos? Procuremos encontrar na nossa vida ou na vida dos que nos rodeiam aquilo que permite ser feliz na fé.
- Isaías lança um grito: *“O jejum que eu aprecio é este: ... repartir o pão com quem tem fome, dar abrigo aos infelizes sem asilo, vestir o nu, em vez de me desviar do meu semelhante.”* (Is 58, 7). Será que o casal cristão cultiva esta preocupação com os pobres e com a justiça humana? Como temos sido construtores da justiça, na nossa vida social, profissional, nas nossas amizades ou nos nossos compromissos?
- O casal cristão caracteriza-se por muitas virtudes. Mas a primeira deve ser a de dar o perdão e a misericórdia um ao outro. Partilhe-mos as experiências de perdão e de reconciliação que enriqueceram a nossa vida e reflectamos sobre elas. Alarguemos a reflexão sobre os grandes temas da misericórdia. A que reflexões nos leva a atitude do Papa oferecendo o perdão ao seu agressor? Que podemos fazer para que passe para o mundo essa riqueza cristã do perdão e da reconciliação?
- A pobreza expressa-se pela pureza do coração. Sabemos exactamente o sentido da castidade? De que maneira a vivemos na nossa vida conjugal? Como é que esta ideia passa no meio cristão e no não cristão?
- Ser construtor da paz começa pela nossa célula familiar. No clima de violência que caracteriza a sociedade actual, qual é a nossa reacção em relação ao que se passa nas escolas, nos bairros da nossa cidade ...? Como acolhemos os estrangeiros? Somos racistas?
- *“Olho por olho, dente por dente”*. Este princípio, que responde à violência pela vingança, é uma prática corrente para nós, como casal? Ou pomos em prática a Palavra do Evangelho que quer que amemos os inimigos?
- Como respondemos àqueles que nos ridicularizam porque somos cristãos e porque seguimos, ou temos a audácia de dizer que seguimos o que nos pedem o Papa e os bispos? Como reagiríamos se



fôssemos confrontados com ataques à nossa integridade física e moral?

- Retomemos cada uma das Bem-Aventuranças e procuremos assumi-las. Partilhemos o que nos é difícil admitir nas Bem-Aventuranças e o que é para nós fonte de dinamismo espiritual e humano.

As nossas perguntas pessoais

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

***Felizes os pobres de espírito,
porque deles é o Reino do Céu.***

***Felizes os que choram,
porque serão consolados.***

Felizes os mansos,
porque possuirão a terra.

Felizes os que têm fome e sede de justiça,
porque serão saciados.

Felizes os misericordiosos,
porque alcançarão misericórdia.

Felizes os puros de coração,
porque verão a Deus.

Felizes os pacificadores,
porque serão chamados filhos de Deus.

Felizes os que sofrem perseguição por causa de justiça,
porque deles é o reino do Céu.

Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem
e, mentindo, disseram todo o género de calúnias contra vós, por minha causa.

Exultai... alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu,
pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam.

Mt 5, 3-12 (As Bem-Aventuranças)

4. QUE DIZ A IGREJA SOBRE A NOSSA VOCAÇÃO À BEM - AVENTURANÇA?

“A nossa vocação à Bem-Aventurança”

(Catecismo da Igreja Católica, n.ºs 1716-1724)

• **As Bem-Aventuranças**

As Bem-Aventuranças estão no centro da pregação de Jesus. O seu anúncio retoma as promessas feitas ao povo eleito desde Abraão. Jesus completa-as, ordenando-as não já somente à felicidade resultante da posse duma terra, mas ao Reino dos Céus.

As Bem-Aventuranças traçam a imagem de Cristo e descrevem-nos a sua caridade, exprimem a vocação dos fiéis associados à glória da

sua Paixão e Ressurreição, iluminam os actos e atitudes características da vida cristã, são promessas paradoxais que sustentam a esperança nas tribulações, anunciam as bênçãos e recompensas já obscuramente adquiridas pelos discípulos, são inauguradas na vida da Virgem Maria e de todos os santos.

• O desejo de felicidade

As Bem-Aventuranças respondem ao desejo natural de felicidade. Este desejo é de origem divina: Deus colocou-o no coração do homem para o atrair a Si, pois só Ele pode satisfazê-lo.

“Todos, certamente, queremos viver felizes e não existe no género humano quem não concorde com esta afirmação, mesmo antes de ser expressamente enunciada.” (Santo Agostinho)

“Como Te hei-de procurar, Senhor? Quando Te procuro, meu Deus, busco a vida eterna. Procurar-Te-ei para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Ti.” (Santo Agostinho)

“Só Deus satisfaz.” (São Tomás de Aquino)

As Bem-Aventuranças descobrem o fim da existência humana, o fim último dos actos humanos: Deus chama-nos à sua própria felicidade. Esta vocação dirige-se a cada um pessoalmente, mas também a toda a Igreja, povo novo formado por aqueles que acolheram a promessa e dela vivem na fé.

• A bem-aventurança cristã ⁽¹⁾

O Novo Testamento usa várias expressões para caracterizar a bem-aventurança à qual Deus chama o homem: a chegada do Reino de Deus, a visão de Deus: “Felizes os puros de coração porque verão a Deus” (Mt 5, 8); entrada na alegria do Senhor; entrada no repouso de Deus (Hb 4, 7-11).

“Lá descansaremos e veremos; veremos e amaremos; amaremos e louvaremos. Eis a essência do fim sem fim. E que outro fim teremos nós senão chegar ao reino que não tem fim?” (Santo Agostinho).

⁽¹⁾ Ver também: a vinda do reino (cf. Mt 4, 17); a visão de Deus: “Felizes os puros de coração porque verão a Deus” (Mt 5, 8; Jo 3, 2; I Co 13, 12); a entrada na alegria do Senhor (cf. Mt 25, 21); a entrada no repouso de Deus (cf. Hb 4, 7-11).

Deus colocou-nos no mundo para O conhecermos, servirmos e amarmos, e assim chegarmos ao Paraíso. A bem-aventurança faz-nos participar da natureza divina (1 Pd 1, 4) e da vida eterna. Com ela, o homem entra na glória de Cristo e no gozo da vida Trinitária.

Uma tal bem-aventurança ultrapassa a inteligência e as formas exclusivamente humanas. Resulta de um dom gratuito de Deus. É por isso que se diz sobrenatural, como também a graça que dispõe o homem a entrar no gozo de Deus.

“Felizes os puros de coração, porque verão a Deus”. Por certo, de acordo com a Sua grandeza e glória indizível, ‘ninguém verá a Deus e viverá’, pois o Pai é inacessível; mas, devido ao Seu amor, à Sua bondade para com os homens e à Sua onnipotência, chega a conceder àqueles que O amam o privilégio de ver a Deus ... “pois o impossível aos homens é possível a Deus.” (2)

A prometida bem-aventurança coloca-nos diante de escolhas morais decisivas. Corvida-nos a purificar o nosso coração dos seus maus instintos e a procurar o amor de Deus acima de tudo. Ensina que a verdadeira felicidade não está nas riquezas ou no bem-estar, nem na glória humana ou poder, nem em qualquer obra humana por mais útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em outra criatura qualquer, mas apenas em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor.

“A riqueza é o grande deus actual; a ela, rendem homenagem instintiva a multidão e toda a massa dos homens. Medem a felicidade pelo tamanho da fortuna e, segundo a fortuna, medem também a honradez ... Tudo isto provém da convicção de que, tendo riqueza, tudo se consegue. A riqueza é, pois, um dos ídolos actuais da mesma forma que a fama ... A fama, o facto de alguém ser conhecido e fazer barulho na sociedade (o que poderíamos chamar de notoriedade da imprensa), chegou a ser considerado um bem em si mesmo, um sumo bem, um objecto de verdadeira veneração.” (3).

O Decálogo, o Sermão da Montanha e a catequese apostólica descrevem-nos os caminhos que levam ao Reino dos Céus. Neles empenhamo-nos passo a passo pelos actos quotidianos, sustentados pela graça do Espírito Santo. Fecundados pela Palavra de Cristo, daremos, aos poucos, frutos na Igreja para a glória de Deus.

(2) Santo Ireneu.

(3) Cardeal Newman.

Nove observações ou propostas práticas para nos sentirmos felizes por sermos cristãos:

- A nossa fé é o fruto de uma escolha, a consequência de uma reflexão ou, pelo contrário, uma maneira de nos comprometermos na vida? Como e porquê?
- Ninguém é cristão sozinho: a nossa fé é comunitária. Como vivemos essa vida cristã enraizada no coração de cada um, na nossa comunidade conjugal, familiar e eclesial?
- Será que o nosso desejo de felicidade não é grande demais para que possa ser saciado aqui na terra? Como vivemos pessoalmente essa questão?
- Ser pobre de coração não é possuir poucas coisas, mas não se considerar proprietário de nada. Encaramos a vida como quem parte para uma conquista ou com as mãos abertas para acolher aquilo que nos é oferecido? Como modificar as nossas atitudes de vida para responder positivamente a esta questão?
- Meditando as Bem-Aventuras, saberemos que o homem é feito para habitar a terra, para ser consolado e saciado, para obter misericórdia, para ver a Deus e ser chamado seu Filho. Se quisermos saber como se pode realizar isso, prossigamos na nossa meditação!
- Eu escolhi a esperança. Como posso buscar essa plenitude no vazio de cada um dos meus instantes de vida? Como construir um mundo bonito e habitável para todos?
- Jesus reuniu os seus amigos pela última vez. Entre eles encontra-se Judas. À mesa, a inocência está sentada ao lado da traição, perdão e pecado mergulham, juntos, a mão no mesmo prato. Como vivemos essas contradições na nossa vida? O que fazemos para rejeitá-las?
- Se os sentimentos de culpa deprimem, a confissão deles está quase sempre presente na origem dos grandes progressos humanos. Como pedimos perdão? Como recebemos o perdão? Somos misericordiosos como Deus é misericordioso?
- *“Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem a perder por causa de Mim salvá-la-á.”* (Lc 9, 24). Como é que a oferta da nossa vida quotidiana nos coloca no caminho para a vida eterna?

Proposta para um dever de se sentar

- Que fazemos para respeitar as nossas diferenças?
- Que podemos fazer, em casal, para aprofundar o nosso conhecimento do Evangelho? Conversamos sobre as nossas descobertas? Como tornar o Evangelho mais vivo e atraente para nós, para os nossos filhos e para os que estão perto de nós?
- A minha relação pessoal com Deus reflecte-se no meu cônjuge? Como nos ajudamos neste ponto?
- Somos, como Cristo, servidores um do outro?
- Procuramos viver plenamente ou apenas seguimos as regras? Como lidamos com os momentos de arrependimento pela nossa falta de crescimento espiritual?
- Será que damos mais importância ao nosso trabalho do que à nossa vida de casal e à nossa família? Como podemos corrigir o que põe em perigo o equilíbrio da nossa vida a dois?
- Consideramo-nos mártires ou profetas? E porquê?
- No nosso amor, sentimo-nos ao mesmo tempo livres e responsáveis pelo outro? Como e porquê?

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a minha regra de vida do mês passado e fazer um balanço do meu progresso.
- Relendo as Bem-Aventuranças, qual será aquela que temos mais necessidade de tomar como regra de vida?

C - DISCUSSÃO SOBRE O TEMA DE ESTUDO

1. Permanecendo bem conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo para partilhar e compreender, propomo-vos que dêem a volta por todos para que cada um, por sua vez, possa expor (sem ser interrompido!) as suas ideias sobre o casal cristão para viver e para fazer viver as Bem-Aventuranças, hoje. Nesse momento, cada um poderá colocar as suas perguntas pessoais redigidas na preparação da reunião, assim como evocar, igualmente, as suas experiências de vida e alguns dos problemas que tem de enfrentar, hoje.



2. De seguida, a equipa fará uma escolha limitada das perguntas e dos problemas mencionados por cada membro da equipa. Essas questões e esses problemas serão aprofundados durante o mês e discutidos na próxima reunião.

Perguntas e problemas que serão discutidos na próxima reunião

(Escrever aqui o que decidimos aprofundar durante o mês seguinte e partilhar na próxima reunião.)

“Tentar as Bem-Aventuranças”



Senhor, Tu dás-Te no Sacramento do Matrimónio
Para sermos sinais do Amor com que Tu nos amas.

Dá-nos a esperança, a fé e a caridade.

Que, pela bondade que testemunhamos um em relação ao outro,

Recebamos a terra por herança.

Que, por nossa compaixão mútua,

Sejamos consolados.

Que, pela sede de sermos justos um para o outro,

Possamos ser saciados.

Que, pelo perdão que nos concedemos diariamente,

Obtenhamos a Tua misericórdia.

Que, na nossa mútua transparência,

Vejamos a Deus.

Que, pelo dom recíproco da nossa vida até à morte,

Obtenhamos o Reino dos Céus.

Concede-nos, Senhor, viver agora o Teu Amor, no nosso lar,

Para que a Carta do Reino, as Bem-Aventuranças,

Não permaneça como letra morta.

Que elas falem aos homens, enviando-nos ao próximo,

Que Tu colocas no nosso caminho,

A começar pelos filhos que nos confias.

Martine e Jean-Loius Bavoux (*)

(*) Médico e responsável pela pastoral familiar.

Para a próxima reunião

“Reflectir para transformar-se e comprometer-se”

- Ler os textos propostos no parágrafo **A** da **segunda reunião**.
- Preparar as questões escolhidas na conclusão da primeira reunião, que serão lembradas pelo casal animador.
- A preparação do tema pode ser uma oportunidade para um dever de se sentar sobre o nosso casal e sobre o nosso “*sim*” conjugal, a partir da proposta que nos é feita.
- O parágrafo **B** “*Para nos ajudar a reflectir durante o mês*”, da segunda reunião, permitir-nos-á caminhar individualmente e em casal entre as duas reuniões, conduzindo-nos a uma mudança de atitudes e a romper a nossa rotina, em suma, a crescer.

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

A - PREPARAÇÃO DA REUNIÃO

1. UMA BREVE LEMBRANÇA

De acordo com a dinâmica própria deste tema, vamos, *nesta segunda etapa*, esforçar-nos por descobrir juntos, em equipa, **o que podemos mudar na nossa maneira de viver, de ser e de “parecer”**, para que a vida em comum do homem e da mulher possa reencontrar toda a sua riqueza, todo o seu valor, segundo a vontade de Deus. Para evitar uma troca de ideias muito teórica e para favorecer uma reflexão lúcida e honesta sobre **“o casal humano, hoje,”** tínhamo-nos proposto, na reunião anterior, escolher algumas questões e alguns problemas que nos tocassem particularmente (ver parágrafo C). Preparemos esta reunião, tendo em conta essa proposta. A riqueza da nossa troca de ideias dependerá, em grande parte, da procura pessoal e em casal, assim como da partilha das nossas experiências de vida. Não tenhamos receio de *“mergulhar”* no Evangelho para aí procurar as passagens que possam esclarecer a nossa reflexão.

Na reunião anterior, tentamos compreender a importância das Bem-Aventuranças para o casal cristão. Elas não só permitem que nos identifiquemos como cristãos, como também são um caminho de felicidade para o casal que deseja pô-las em prática.

As Bem-Aventuranças conduzem-nos a **ser**, mais do que a **ter**. Permitem-nos construir um verdadeiro ideal cristão do casal enraizado no casamento como uma vocação.

Todos os cristãos, e os casais em particular, são estimulados a manifestar pelo exemplo de vida e pelo testemunho das suas palavras, o homem novo do qual se revestiram e a força do Espírito Santo que os fortificou. Como casais cristãos, devemos ser um sinal de que a felicidade é realidade e não ilusão e de que a procura da felicidade é também procura da santidade. Este é o caminho que os casais das Equipas de Nossa Senhora se comprometeram a seguir.

2. ALGUMAS PISTAS QUE PODERÃO AJUDAR NA NOSSA REFLEXÃO

“Olhar de amor, olhar criador” (Anneau d’or)

Atendamos à seguinte frase: “O amor verdadeiro não é cego. É a sua espantosa lucidez que o faz passar por cego porque vê o que mais ninguém vê, porque consegue ver além do que o próprio ser amado revela de si mesmo”.

É verdade. Um olhar de amor vai além da aparência do outro e atinge o radioso rosto do santo em que ele deve tornar-se, e que já o é, em esboço ou em potência. Esse olhar de amor encontra no amado o olhar do Criador sobre ele.

O olhar do Criador é um olhar criador. Olhar e criar é um único e mesmo acto para Deus. O olhar de Deus não é o de um espectador, não se fixa sobre um ser já existente. O olhar de Deus “concebe” um homem, um santo único, e esse homem começa a existir.

O artista é uma imagem terrestre do Criador: para ele, a sua catedral foi, antes de tudo, um olhar interior, criador. A catedral é esse olhar transformado em pedra. A execução pode trair, mas é sempre a partir desse primeiro olhar que o arquitecto contempla a sua obra e o seu desespero é, por vezes, grande quando constata a diferença entre o olhar e a execução.

Pode acontecer que Deus nos comunique o seu olhar sobre uma pessoa; então, conseguimos ver com espantosa lucidez o verdadeiro rosto de um filho de Deus, mais ou menos enterrado na carne, que o nosso amor vai resgatar, da mesma maneira que o artista faz surgir a estátua de um bloco de pedra.

Basta um único olhar nosso para fazer essa alma vibrar. Ela acorda. Aparece radiosa. O olhar de homem é, também, criador quando se trata de um olhar de amor.

Esposos, esposas, mães, filhos, peçam a Deus que Ele vos contemple com o Seu olhar, como prometeu a Ezequiel: “Eu porei os meus olhos no teu coração”; e a vida cantará no coração dos seus amados como cantava no coração da personagem de Mauriac: “Lembro-me desse degelo de todo o meu ser sob o teu olhar, das emoções que jorraram das fontes libertadas”

“A gente sufoca ...” (Anneau d’Or)

“A gente sufoca na casa das famílias cristãs! E quanto mais cristãs são, mais o ar é irrespirável.” Quantas vezes já não ouvi esta reflexão

da boca de não crentes ou pouco crentes! ... E olham-me admirados porque acreditavam que iriam escandalizar-me.

Muitos casais, efectivamente, julgam-se verdadeiros cristãos, mas não vivem senão um cristianismo atrofiado. A sua religião reduz-se à prática da virtude. Os próprios sacramentos são apenas meios para a atingir. Quanta energia desperdiçam para adquirir e salvaguardar as suas virtudes! São devotos, imperturbavelmente devotos. A toda a hora podemos bater à sua porta. Têm a preocupação do “compromisso” e do “testemunho” (há vinte anos que se fala disso!). Mas são, em boa verdade, muito “chatos”. E mesmo que muitos os admirem, pois há uma certa grandeza nessas pessoas, ninguém tem vontade de os imitar.

Quando estou com eles vêm-me à memória as palavras de Péguy: “A moral foi inventada pelos fracos. E a vida cristã foi inventada por Jesus Cristo. Toda a vida religiosa, com efeito, se não tomarmos cuidado, sofre a lei da degradação da energia. Da vida cristã, em pouco tempo, só retemos a moral cristã. E a própria moral cristã não tarda a degradar-se numa espécie de moral natural que faz de nós puritanos austeros e inflexíveis. Nessa atmosfera de moralismo, na verdade, a gente sufoca ...”

Ora o cristianismo não é uma moral, não é um culto do deus Dever, essa divindade sem rosto; trata-se de uma religião - não uma religião qualquer, um simples serviço a um deus longínquo. O cristianismo é uma vida com Deus, uma comunidade de amor com Ele. “Eu estou à porta e bato. Se alguém escutar a Minha voz e abrir, Eu entrarei em sua casa, jantarei com ele e ele coMigo”. “Se alguém Me ama, guardará as Minhas palavras, Meu Pai amá-lo-á, ficaremos com Ele e com Ele faremos a nossa morada”. Mais ainda, a vida cristã é uma comunhão. Pela fé - entenda-se uma fé viva - o cristão entra em comunhão com o pensamento divino; participa, dizem os teólogos, do conhecimento que Deus tem dele mesmo. E, pela caridade, ele ama a Deus com o próprio Coração de Deus; o cristão está associado vitalmente ao acto pelo qual Deus é amado. Eis-nos aqui bem longe do moralismo espartano de uns e do moralismo pequeno-burguês de outros. Mas estamos tão “acostumados” com as fórmulas que aprendemos no catecismo que não nos deixamos encantar com as grandes realidades que elas encerram.

Existem, no entanto, cristãos que levam a sério essas realidades sobrenaturais e as vivem. Desejam conhecer Deus e os seus pensamentos. Esforçam-se por conservar a sua fé viva e cada vez mais desenvolvida pela meditação da Palavra de Deus e pela atenção a tudo aquilo que Deus quer dizer-lhes, através dos acontecimentos do dia a dia. A

*sua fé penetra sempre mais fundo nas “inesgotáveis riquezas de Cristo.” A sua alegria explode nestas palavras de São João, que traduzem bem os seus sentimentos: “E nós, nós reconhecemos o amor que Deus nos tem e acreditamos n’Ele”. Esses cristãos trabalham para amar a Deus – todo o amor é trabalho antes de ser possessão. Esse amor, pouco a pouco, torna-se a razão de todos os seus actos, a sua razão de viver: “Quem nos separará do amor de Cristo”, escrevia São Paulo, “a tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo? ... Tudo isto vencemos, graças Àquele que nos amou”. A moral destes cristãos - pois também eles têm uma moral - é a irradiação da vida divina, do Amor que habita neles. Afirmam o que Cristo dizia: “Sejam perfeitos como o Meu Pai celeste é perfeito. Sejam misericordiosos como o Meu Pai é misericordioso”. São Paulo define essa moral, dizendo: “Sejam imitadores de Deus, como filhos bem-amados”! Ao lado destes cristãos, não corremos o perigo de nos sentirmos sufocados, pois não são prisioneiros do moralismo, nem do legalismo. São livres, vivem a liberdade dos filhos de Deus. Nas suas casas, respira-se o ar de Deus e vive-se a **Sua vontade**.*

3. DESCOBRIR A PALAVRA PARA MUDAR O CORAÇÃO

(Esta passagem da Escritura será meditada por cada um durante o mês e poderá servir para a oração da reunião.)

Um jovem aproximou-se e disse a Jesus: “Mestre que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?” Jesus respondeu: “Porque me interrogas sobre o que é bom? Bom é um só. Se queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos.” O homem perguntou: “Quais mandamentos?” Jesus respondeu: “Não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe; e ama o teu próximo ama a ti mesmo.” O homem disse a Jesus: “tenho observado todas essas coisas. O que é que ainda me falta fazer?” Jesus respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me.” Ao ouvir isto, o jovem retirou-se cheio de tristeza, porque era muito rico.

Mt 19, 16-22 (1)

(1) Relendo e redescobrimo o significado da passagem que fala do jovem rico do Evangelho, reflectamos e meditamos sobre a sua recusa como sendo uma recusa de entrar no espírito das Bem-Aventuranças. Ele “*tem*” tudo e não quer “*ser*”.

“O que a conjugalidade acrescenta ao amor” (2)

Para viver a encarnação do espiritual ou a espiritualização da carne, não é suficiente que o casal se abrace, tenha relações sexuais, ou coma à mesma mesa. Essa espiritualização torna-se verdadeiramente o lugar do dom tendo por base a fidelidade quotidiana, a solidariedade mútua, a palavra e, muito especialmente, a palavra dada. Sem diálogo, a expressão carnal atinge o cúmulo da ambiguidade, o compromisso torna-se frágil e a ternura passageira, não passando de uma “experiência” centrada em nós próprios. Trata-se de um empréstimo e não de um dom de nós mesmos. Ser fiel é encarnar-se verdadeiramente e a fidelidade é a encarnação até ao fim com aquela mulher ou com aquele homem cuja irreversibilidade assumimos. Quando a relação é breve, só se vive a aparência do outro, algumas das suas ideias brilhantes, aquilo que ele quer mostrar da sua personalidade ou aquilo que é agradável apreender. “O puritano e o devasso não são irmãos”? - pergunta Eric Fuchs. Irmãos na recusa da encarnação. É através da vivência diária que se apercebe não somente de todas as riquezas, mas também de todas as limitações do outro, dos seus limites e dos seus defeitos. Aprender-se-á a amar o outro apesar dos seus defeitos como marcas da sua vulnerabilidade e provas da sua unicidade.

Reconhecer o outro como único, não é apenas conhecer a sua originalidade, os seus traços particulares, mas ir até à essência da sua personalidade, onde a pessoa nos parece insubstituível, e então comprometer-se com ela, com ele, numa história também única e insubstituível. Encarnamo-nos quando ultrapassamos, juntos, dificuldades, canseiras e decepções, quando avançamos juntos num sentido mais verdadeiro e mais forte da vida, ao mesmo tempo que avançamos juntos para a morte. Também encarnamos quando, juntos, somos fecundos. Como o amor, a encarnação encontra a sua realização na fecundidade, graças à qual se realiza num terceiro, em terceiros, aquilo que a simples união dos corpos não realiza: a união de duas vidas, a mistura real das nossas características. Não nos tornamos realmente “uma só carne” num en-

(2) Conferência proferida por ocasião do 50.º aniversário da Carta ENS, em 1997. Sob o título “*O espiritual é, ele próprio, carnal*” por Xavier Lacroix. Texto tirado do seu livro “*A travessia do impossível*”.

contro sexual passageiro. Como diz um comentarista judeu da Bíblia: “A criança nasce graças aos dois, e por isso a carne dos dois torna-se única”. A criança oferece um futuro para a união, dando-lhe consistência. Se o amor é dom, a fecundidade é como o dom desse dom, a sua duplicação, a sua encarnação.

É apenas nesse grau de profundidade da relação e do compromisso de um para com o outro que o carnal se torna espiritual. De outro modo permaneceríamos na sensibilidade, na supremacia do afetivo, na inconstância do desejo. O amor carnal não se torna espiritual no simples prolongamento do sentir ou do desejo imediato. Para chegar a isso, precisa de passar por situações que purifiquem, por renúncias, por aquilo que São João da Cruz chamava “noites”, isto é, momentos em que o vínculo conjugal passa pela prova da fé despojada. O casal autêntico, o que vive em comunhão por muito tempo, deve entrar num movimento de morte e de ressurreição. De morte, para que haja ressurreição. Os cristãos interpretam esse movimento à luz da dinâmica pascal e vivem-na realmente inseridos, pelos sacramentos e, em particular, pela ideia de ressurreição. Fazem a experiência de que, morrendo para o homem velho, isto é, libertando-se, um pelo outro, com tempo e paciência, do peso e dos entraves que os ligam a seus egos, sentem-se, de algum modo, aliviados de si próprios. Entram numa vida nova que não é a justaposição de duas vidas ou compromissos e que não vai anular a sua vida pessoal, mas sim engrandecê-la, dando-lhe uma nova dimensão resultante da comunhão recíproca das suas duas histórias.

Sendo assim, esta vida nova em comum assemelha-se singularmente ao ágape, isto é, ao amor-caridade, que é o esquecimento de si próprio. Ora, os esposos experimentam, de maneira bem concreta, que a fonte desse movimento não está neles, que ela os precede, exactamente como os precede a fonte da própria vida.

Proposta para um dever de se sentar

- Que significa para nós, como casal, viver as Bem-Aventuranças?
- Quais são os elementos que nos confirmam que o casamento é uma verdadeira vocação?
- O que é, para nós, a felicidade?
- No nosso amor, sentimo-nos, ao mesmo tempo, livres e responsáveis pelo outro?

Sugestões para escolher uma regra de vida

- Rever a regra de vida do mês anterior e fazer um balanço do nosso progresso.
- Escolher uma nova Bem-Aventura, se acharmos que a escolhida no mês anterior foi realmente posta em prática.

C - REUNIR-SE PARA PARTILHAR E COMPREENDER

1. Na primeira reunião da nossa reflexão sobre *“O casal cristão para viver e fazer viver as Bem-Aventuras”*, combinámos aprofundar algumas questões a fim de ver melhor, ouvir melhor e partilhar melhor com os outros casais da equipa a nossa situação de homem e de mulher na realidade da vida, da nossa vida.
2. No acolhimento e no respeito das nossas diferenças, dos nossos problemas e das nossas riquezas, somos convidados a oferecer aos outros membros da equipa o fruto da nossa procura. Estejamos atentos para sermos verdadeiros, abertos, responsáveis e disponíveis.

D - ORAÇÃO PARA O FIM DA REUNIÃO

“As pequenas Bem-Aventuras”



Bem-aventurados os que sabem rir de si próprios:

Terão sempre com que se divertir.

Bem-aventurados os que sabem distinguir uma montanha de um montículo de terra:

Serão poupados a muitos aborrecimentos.



Bem-aventurados os que são capazes de descansar:

Tornar-se-ão sábios.

Bem-aventurados os que sabem calar e escutar:

Aprenderão coisas novas!

Bem-aventurados os que não se vangloriam:

Serão apreciados por aqueles que os rodeiam.

Felizes serão os que souberem apreciar

As pequenas coisas com seriedade

E as coisas sérias com tranquilidade:

Irão longe na vida.

Felizes serão os que souberem valorizar um sorriso

E esquecer uma ofensa:

O seu caminho encher-se-á de sol.

Felizes serão os que forem capazes

De interpretar com benevolência as atitudes do outro,

Mesmo que falsas:

Passarão por inocentes, mas a caridade tem esse preço.

Bem-aventurados os que pensam antes de agir e que rezam antes de pensar:

Evitarão muitos dissabores.

Felizes serão os que souberem calar e sorrir

Quando lhes cortam a palavra ou lhes “pisam os pés”:

O Evangelho começa a penetrar no seu coração.

Bem-aventurados os que sabem reconhecer o Senhor

Em todas as pessoas que encontram no seu caminho:

Encontraram a verdadeira luz e a verdadeira sabedoria.

Joseph Folliet

PRÓXIMA REUNIÃO (BALANÇO)

No dia ____ / ____ /20____

Em casa de _____

Bibliografia (*)

- DRUET, P-Ph. - *D'amour parlons ensemble: Du premier au troisième âge afin que chacun ait sa parole* - Presses universitaires de Namur. Éditions Feuilles Familiales.
- DELHEZ, Ch. - *Heureux d'être chrétiens* - Editions Fidelité et Sources de Vie. 1991.
- NEUBURGER, R. - *Nouveaux Couples* - Éditions Odile Jacob. 1997.
- OGER, o.p., J. - *Homme ou Femme* - Éditions Vaillant-Carmanne.
- LACROIX, Xavier - *Homme et Femme L'insaisissable différence* - Édition du Cerf. 1993.
- DANNEELS, G Cardeal - *Les saisons de la vie* - Éditions du Cerf/Racine. 1995.
- LES ÉQUIPES DE L'ATELIER - *Le couple* - Textes non bibliques. Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrière. 1996.
- LACROIX, Xavier - *La traversée de l'impossible* - Édition Vie Chrétienne.
- Mariage et Eucharistie* - In: Revue Alliance. Supplém. au N. 25, Novembre – Décembre, 1982.
- Pourquoi se marier?* - In: Revue Alliance. N. 27-28. Mai-Août, 1983.
- L'aventure du couple* - In: Revue Alliance. N. 100-101. Juillet-Octobre, 1995.
- Quel couple pour aujourd'hui* - In: Revue Alliance. N. 114. Novembre-Décembre, 1997.
- Vivre les Béatitudes* - In : Revue Alliance. N.117. Mai-Juin, 1998.
- FOLLIET, Joseph - *Les petites Béatitudes*
- CAFFAREL, Henri - *Propos sur l'Amour et la grâce* - L'Anneau d'Or.
- DEMMER, Klaus - *Vivre le mariage comme vocation* - In: INTAMS. 1996.
- DANNEELS, G. Cardeal. L'idéal du couple chrétien : conférence aux Équipes Notre-Dame.
- Concílio Vaticano II - *Gaudium et Spes*.

(*) Mantivemos a bibliografia do original, que é sempre importante para bem se avaliar o texto. Acrescentamos, apenas como sugestão de leituras, algumas obras em português.

SANTO AGOSTINHO - *De Trinitate*.

DEVAUX, Eloi - *Mystique et mystère du mariage* - Anneau d'Or.

PEETERS, Gabriel et Marie - *On ne s'improvise pas couples crédibles*.

Conférence END Belgique. Mars, 2001.

DUBOIS-DUMÉE, Jean Pierre - *Écoute, Seigneur, ma prière* - Éditions DDB. 1998.

JOÃO PAULO II - *Familiaris Consortio* - Novembro, 1981.

· *Carta às Famílias* - 1994.

· *Novo Millennio Ineunte* - 2001.

THOMAZEAU - *Mgr. Bonne nouvelle du mariage* - Édition du Cerf. 1984.

Thème des END France-Luxembourg-Suisse :

· *Remplissez d'eau ces jarres* - Juin, 1998. Avec des textes du Père Caffarel.

· *Réunis au nom du Christ* - thème pour les équipes nouvelles.

LIVROS EM PORTUGUÊS

ALBISETTI, Valério - *Terapia do amor conjugal* - Paulinas.

ALBISETTI, Valério - *Mal de Amor* - Paulinas.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA - *Vozes*, etc.

CONCELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA - *Sexualidade Humana: Verdade e Significado. Orientações educativas em Família* (1995).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - *O Acompanhamento dos casais novos* (1992).

DOMINIAN, Jack - *Casamento fé e amor* - Loyola.

DOMINIAN, Jack - *Fidelidade e Perdão* - Conferência proferida no Encontro Internacional em Santiago.

FEHR, Maria Aparecida de Noronha e Fehr, Igar - *Falando de Espiritualidade Conjugal* - Coleção nossa Família. Vozes.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro - *Família ... mas que família* - Vozes.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro - *A Boa Nova do Casamento e da Família* - Vozes.

- LACROIX, Xavier - *O casamento, sete respostas* - Santuário LARRA-
 ÑAGA, Val do Rio – *Matrimónio Feliz* – Paulinas.
- MARTINS, Cristo - *Para amar e ser amado* - Paulinas.
- MONGE, Manuel Sanchez - *Parábola com Setas* (Temas provocantes para casais e noivos) - Editorial Missões.
- NERVO, Giovanni - *Educar para o Amor* - Gráfica de Coimbra.
- NUNEZ, Angel González - *A vida de casal na bíblia* - S. Paulo.
- SALOMÉ, Jacques - *Casamento e Solidão (Como viver a dois, permanecendo diferentes)* - Vozes.
- TOMÁS, F. Caetano - *Pessoas, Traços e comportamentos* - Paulinas.
- WOIJTYLA, Karol - *Amor e Responsabilidade* - Rei dos Livros (Lisboa 1999).
- ZAMBURLIN, Rossana, Gianni Bassi - *A Comunicação na relação do casal* - Paulus.

SER CASAL CRISTÃO HOJE NA IGREJA E NO MUNDO

Director: José Augusto Moura Soares

Equipa redactorial: P.º Nuno Westwood; Helena e Jorge Fontainhas; Ana e João Rosa;
Luísa e Luís Pereira.

E-mail: carta@ensportugal.org

Capa: Equipa Responsável Internacional (ERI).

Impressão e acabamento: OLEGÁRIO FERNANDES — Artes Gráficas, S. A.
Zona Industrial do Alto do Colaride - Apartado 51 — 2735-901 CACÉM

Propriedade e Administração:

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

(Instituição Particular de Solidariedade Social)

Avenida de Roma, 96, 4.º, esquerdo - 1700-352 LISBOA

Telefone: 21 842 9340 - Fax: 21 842 9345

E-mail: ensportugal@net.sapo.pt

Registos no Instituto da Comunicação Social:

Publicação n.º 107 888/ICS - Empresa: 207 887

ISSN: 1645-3565

Depósito legal n.º 12 125/86

Tiragem deste número: 5500 exemplares

